

Cartografias da vida na universidade 3

POLÍTICA SENSÍVEL  
DO CUIDADO DE SI



trajetos | afetos | **devir**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
TESE DE DOUTORADO

Cartografias da vida na universidade  
Trilogia trajetos | afetos | devir

**POLÍTICA SENSÍVEL DO CUIDADO DE SI  
NA TRAVESSIA DOS AFETOS:  
POR *UMA* SAÚDE INVENTIVA**

LISANDRA BERNI OSORIO

Livro 3  
PELOTAS 2023



LISANDRA BERNI OSORIO

Cartografias da vida na universidade

# **Cuidado de si**

Trajetos - Afetos - **Devir**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

**Livro 3 da Trilogia**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Manuela Alves Garcia

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

O83p Osorio, Lisandra Berni

Política sensível do cuidado de si na travessia dos afetos, por uma saúde inventiva [recurso eletrônico] : cartografias da vida na universidade  
3 l de vir : política sensível do cuidado de si / Lisandra Berni Osorio ; Maria  
Manuela Alves Garcia, orientadora. — Pelotas, 2023.  
134 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Clínica. 2. Saúde. 3. Educação. 4. Cuidado de si. 5. Criação. I.  
Garcia, Maria Manuela Alves, orient. II. Título.

CDD 370

## cri.AR-TE em composição

O livro 3, dos devires, declara a Loucura uma espécie de linha de fuga que caminha por alguma saúde, podendo evocar, pelas sendas foucaultianas, o cuidado de si como prática de liberdade. A resistência dos estudantes aos modos de dominação institucional que aprisionam seus sentidos, pode ser deflagrada quando eles manifestam suas queixas emocionais, quando falam através de seus corpos que enfraquecem suas ações no ambiente acadêmico, quando expressam suas dores e suas lutas de alguma maneira. Tais resistências caminham para traçarem *uma* saída. No entanto, quando não a encontram, findam aprisionados na própria armadilha e, só conseguem escapar da servidão, na relação com o outro. Por mais paradoxal que possa parecer, é no vínculo com outra pessoa, que se aprende não só sobre ela, mas sobre si mesmo. O cuidado de si e do outro encontra-se amalgamado ao conhecimento. É preciso distinguir, que não se trata do conhecimento iluminista dotado de Razão, o qual escamoteia as sensibilidades, mas sim, do conhecimento como o mais potente dos afetos, como fundamenta em sua Ética, o polidor de lentes Spinoza. No estoicismo antigo e no estoicismo imperial, é possível perceber condições de possibilidade para pensar as relações entre os corpos, desde a teoria dos incorporais [tempo, espaço, vazio, expressão], até a arte de conhecer o que torna o corpo mais forte, também quando se está convalescente. Distanciando-se de uma prática de si que seja uma platônica prescrição dogmática sobre as condutas estudantis, ou que levem a uma fantasia cristã de salvação, a presente Tese se aproxima daquela que, cujo corpo educacional é capaz de equipar-se para conhecer os afetos e fazer disso impulso regenerador de ampliação da vida. Por meio da *parresía*, há coragem de verdade, de uma verdade que não está pronta e predeterminada por um outro, mas escavada nas dobras de subjetivação, que se faz na relação entre aluno e professor, entre psicóloga e estudante, entre grupos, em devir. Por meio do amor *fati* podemos compreender que existem linhas que se misturam, mas também se bifurcam, entre contingências e necessidades; em que, aceitar o destino, exige conhecer os afetos que são causas adequadas e compositivas de si com o mundo, sendo estas, de compositivas, quando resultam em ressentimento. Mas mesmo este, é capaz de trazer uma fresta de

sabedoria para ganhar saúde. Por meio, enfim, da escrita de si no ambiente educacional evidencia-se como um forte potencial de conhecimento de si na relação com o mundo. Assim, é possível, menos inferir, mais afirmar, uma vida na universidade como uma obra de arte a ser composta pelo cuidado de si e do outro, pelo conhecimento que este cuidado aciona sobre os afetos, os quais são capazes de esculpir um Saúde Inventiva, com cada um, a cada vez que se põe a caminhar. Dessa forma, com fios das filosofias, fios das psicanálises e fios das artes, é possível tramar *uma* política sensível do cuidado de si em uma clínica möebius que articule dentro-fora, agentes educacionais, ruas, salas de aulas, em projetos, conversas, escutas, acolhimentos, - que favoreçam *uma* caminhada com momentos de leveza, de alegria, por meio dos encontros.

# Sumário

|  |     |
|--|-----|
| <b>Pérolas do caminhar</b>   | 9   |
| <b>1 um pouco de loucura, por favor!</b>   | 13  |
| <b>2 cuidado de si</b>   | 31  |
| <b>3 insURGÊNCIAS subjetivas</b>   | 45  |
| 3.1 O cuidado é uma ética  | 58  |
| 3.2 O cuidado como presença  | 60  |
| <b>4 ethos da clínica, pérolas em composição</b>                                       | 67  |
| 4.1 Cuidado como prática de liberdade  | 71  |
| 4.2 Fios da psicanálise na politicidade<br>do cuidado                                  | 76  |
| 4.3 o si, a bolha, o furo  | 80  |
| 4.4 <i>Parresía</i>  | 84  |
| 4.5 <i>Amor fati</i>   | 89  |
| 4.6 escrita de si  | 101 |
| <b>5 o cuidado de si com.VIDA, a Saúde Inventiva<br/>para caminhar... em liberdade</b> | 109 |
| <b>6 enclaves de um tempo infindo de cartografias</b>                                  | 119 |
| <b>referências</b>   | 126 |



# Pérolas do caminhar



Há tensão. Agarramos o que insiste abrir: há vida? Juntamos nossos pedaços espalhados pelo chão das leis acadêmicas? A atenção que rasga o tecido já esfarrapado de nossos cotidianos estaria hiperativa pelos déficits do período pós-pandêmico? Os códigos de subjetivação emanam seu suor de de.composição. Memória de subjetivação distraída. Desassossego de subjetivações à flor da pele. Uma gorda saúde que quer delgar. Devires que fazem do nau.frágil sua força. “O que será que será; O que não tem medida, nem nunca terá; O que não tem remédio, nem nunca terá; O que não tem receita”<sup>1</sup>. Andado pelas ruas da dúvida, a maior obsessão na ambiência educacional, torna-se uma constelação de incertezas que caminham sem sair do lugar, que querem sem querer, que buscam sem encontrar, que perdem sem achar. Não há fechamentos, pois os argumentos são inúteis ao descabimento daquilo que não para de se transformar. 

Logo, é na calada da noite que algo estava a insurgir. Ainda sob a brilho ofuscante dos platônicos dias modernos, a saúde do Castelo dos Saberes tinha sido compartimentalizada, olhavam apenas a psique e deixavam o corpo e seus sentidos em completa inanição.

---

1 Música “O que será” de Chico Buarque.

Enxiam a barriga de ilusões e enfrentavam a inevitável indigestão. Nietzsche havia alertado: “dez vezes ao dia precisa rir e estar alegre, senão incomodar-te-á de noite o estômago, esse pai da aflição”<sup>2</sup>. A tristeza, na forma de medo e ressentimento, havia impregnado a Travessia dos Afetos, o que, não raras vezes diminuía a potência de agir daqueles que ali habitavam. Algumas doses de tristeza e escuridão tornavam o pensamento mais robusto em seu ofício de pensar. Saídas foram sendo encontradas por meio de caminhadas. Quanto mais a pesquisadora caminhava, mais percebia que criar novas formas de vida na universidade precisa transitar por diferentes vozes que, em ressonância com uma prática relacional com o mundo em constantes afecções que variam, encontram pérolas pelo meio do caminho. ● Assim, as cartografias da vida na universidade, ao andarem pela temática da saúde [mental] estudantil, precisavam esgueirar seus olhares sobre as docências, na relação que estas estabelecem em um processo formativo, o qual, cada vez mais, conclama para um cuidado de si e do outro. O *devoir* é pérola sendo involucrada por camadas de experimentação cartográfica. Uma tese que fala de filosofia mas não é filosófica, fala de saberes psicológicos mas não o é, engendra imagens do pensamento mas não pinta um quadro, pois é por meio de um processo de escrita, que encontra suas tintas, seus conceitos, suas funções. Uma tese em educação [e saúde] que quer compor partituras afetivas no ensino superior.

Contra regras acadêmicas de escrita, a pesquisadora tece das linhas teóricas o que de seus meios engendram de força e, pelas suas margens, caminha e se alarga. Uma personagem andarilha que, implicada no contexto educacional em questão, se modifica ao longo dos trajetos. Lis’Apolínea, ao encontrar Dionísio nessa caminhada, faz delirar suas misturas nas linhas de escrita sobre a loucura que é

---

2 NIETZSCHE, (2016, p. 40). Assim falava Zaratustra.

cartografar sensibilidades e subjetivações, um objetivo que não cabe numa tese. As pérolas do caminho são como as obras de arte de uma vida estudantil que consegue fazer dos grãos de areia contingentes que arranham seus corpos, algo único e necessário.

Afinal, ostra feliz não faz pérola, pois “para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas asperezas, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda; assim enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo fazia o trabalho”<sup>3</sup>. Há um trabalho em afirmar o cuidado de si.  *Um* aluno e *Um* docente<sup>4</sup>, que do fundo de um mar imponderável de seus encontros, mergulham no vazio, caminham submergidos na pele dos acontecimentos, e, por meio das relações que estabelecem um com o outro e com o mundo, produzem a si mesmos, em devir. Há uma estreita, assustadora e fascinante relação entre o corpo de ostra, as águas, a escuridão, os grãos de areia. Peroladas singularidades que aguçam as composições micropolíticas de *uma clínica* que quer auscultar o desejo onde ele se fecha no ostracismo e onde ele possa produzir aberturas.



---

3 ALVES, (2008, p. 11). Ostra feliz não faz pérola.

4 A presente tese desenvolve-se a partir de um corpus empírico composto pelos dados obtidos de uma Dissertação [OSORIO, 2016] e pelos dados obtidos por meio de ditos e escritos oriundos dos encontros cartográficos que a pesquisadora realizou em julho de 2022, sendo realizado um encontro com 8 alunos bolsistas da PRAE que estariam a se graduar em agosto do mesmo ano, e dois encontros com 6 professores que se voluntariam por meio do convite feito nos colegiados dos cursos e do GIP. A pesquisa sucedeu aprovação no comitê de ética, bem como registra termo de livre consentimento dos participantes.



**1 um pouco  
de loucura,  
por favor!**



A loucura, longe de ser uma anormalidade, é a condição normal humana. Não ter consciência dela, e ela não ser grande, é ser homem normal. Não ter consciência dela, e ela ser grande, é ser louco. Ter consciência dela e ela ser pequena é ser desiludido. Ter consciência dela e ela ser grande é ser gênio<sup>5</sup>.

Não se trata de normalizar a singularidade, mas de enlouquecer as verdades diagnósticas. Lis'Assintomática incubava o vírus de um novo olhar, e esse vírus, poderia lhe inflamar sim, mas não lhe mataria. Ela escuta o sussurro dos ventos contemporâneos: “quanto mais a sociedade apregoa a emancipação, sublinhando a igualdade de todos perante a lei, mais ela acentua as diferenças”<sup>6</sup>. O que a Educação espera de *um* aluno, é da ordem de um comportamento, erroneamente considerado ideal -, que ele seja bem letrado, participativo nas aulas, que não chegue cheirando a álcool ou maconha, que aceite os prazos sem reclamar, e o mais importante, que não adoça, por favor!

Algumas vezes embriagar-se na própria chance no lance de dados que pode ser a vida, é a única coisa que abre o peito estudantil para entrar um pouco mais de ar, pelo que há de singular. Como de certo modo, algumas subjetivações, podem nos mostrar, que há desvios nos trajetos repetitivos do desejo. Os trajetos repetem e repetem até que uma diferença seja produzida. Da casa até o campus Anglo, do Anglo até o Restaurante Universitário, do Restaurante Universitário até em casa, de casa até o “rolê”. Os estudantes não interagem com colegas porque consideram que não têm assunto; não interagem com os colegas porque têm medo da rejeição; mas, um belo dia, precisam pedir emprestado o xerox da aula, e acabam trocando algumas palavras com algum colega, finalmente. Há um

5 PESSOA, (2019, p. 330). Fernando Pessoa: percurso em prosa.

6 ROUDINESCO, (2000, p. 13). Elizabeth. Por que a psicanálise?

singular ritmo que os fazem compor as notas de suas vidas na universidade; ora graves; ora agudas; ora melódicas; ora desafinadas. Ritornelos que dizem: — “Tubo bem não ser normal!”<sup>7</sup>.

Na medida em que “a loucura não é simplesmente uma das possibilidades dadas pela união da alma e do corpo; ela não é, outra e simplesmente, uma das sequelas da paixão”<sup>8</sup>. Ora! A loucura se volta contra a paixão e a coloca em questão manifestando sua errância em perverter as leis diagnósticas.



Foucault, em a *História da Loucura na Idade clássica*, menciona que o leproso, o louco e o diferente, precisavam ser excluídos da convivência social, como se pudessem contaminar seu entorno e estragar as relações sociais e políticas vigentes. No mito da Nau dos Loucos, na época do Renascimento, por volta de 1486, homens e mulheres, que não estavam com seus sentidos de acordo com o pensamento coletivo da época, peregrinavam em um navio, onde o “louco” era entregue “ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem”<sup>9</sup>.

Trazer essa imagem para problematizar que, hoje, a exclusão pela loucura não se dá mais como nesse tempo, e as pessoas não podem mais ser queimadas, como na Idade Média, ou torturadas, como eram nessas eras, chama atenção para outras formas de segregação que são familiares. Formas invisíveis de exclusão dos que não se “adaptam”, dos que não produzem, dos que não se identificam

---

7 Título de uma série coreana na plataforma Netflix.

8 FOUCAULT, (2019, p. 238). *História da loucura na Idade clássica*.

9 FOUCAULT, (2012, p. 12). *História da loucura na Idade clássica*.

com um determinado modelo de vida ou conduta, dos que vêm de “fora” da cidade. A exemplo disso, Lis’Anda percebe o Discente Mutante, sofrendo com o preconceito, quando os alunos nativos da cidade (de Pelotas, no caso), dizem que os estrangeiros (alunos de outros estados do Brasil e de outros países) estariam a “estragar” os que aqui já estavam. Os estranhos passam para a margem da normalidade, precisando ser integrados aos moldes dos nativos. Outro personagem discente, o Pássaro Azul, lembra: *a cidade e as pessoas de Pelotas são hostis, isso dificultou minha passagem pela universidade*. Enquanto a estudante Crisálida Negra ao se encontrar com as vozes de sua cabeça, afirma loucamente: *não acredito que eu seja livre, reconheço o quanto a minha vida é um reflexo do cenário onde estou inserida, sou influenciável, mudo a todo momento, e estas mudanças não são decididas por mim, a vida é assim, a gente se sujeita a determinadas mudanças pra se adaptar*. Tais ditos&escritos podem parecer radicais, entretanto, o fato é que, entre os universitários, o aumento do adoecimento, dos casos de suicídios e do abandono dos bancos acadêmicos, é da ordem de uma intensidade difícil de ser mapeada, pois aqueles que “não se adaptam”, sob essa perspectiva, estariam a renunciar à universidade ou a algo desse trajeto escolar que poderia, nas [suas]verdades, estarem falando de uma invenção de si?



Quando a Loucura rondou o Castelo dos Saberes, era evidente que não estava sozinha. Ela veio com as marcas da história, desde quando a excluíam naquela Nau dos Loucos do século XV do outro lado do planeta, passando pelas lutas antimanicomias e reformas psiquiátricas dos anos 70 aqui no País das Armadilhas. Dessa maneira, é possível escutar o eco na voz de Michel Foucault dizendo que “a loucura historicamente marcada pela desrazão só existe em

uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem e capturam.”<sup>10</sup> Por suposto, sempre existiram comportamentos chamados desviantes ou anormais, mas a marcação como desvio ou anormalidade, dá-se em condições históricas muito específicas, especialmente a partir do século XIX, período que se preocupou em esquadriñar e tipificar as condutas de modo crescente, criando, assim, patologias em seus regimes de verdade, reproduzindo dores reconhecidas e legitimadas. Contudo, “às vezes, enlouquecer é uma resposta adequada à realidade, que a verdade e a loucura podem ser sintomas da mesma doença”<sup>11</sup>.

— Sim! Diz o Discente Mutante. *Já vi pessoas totalmente amarradas e seduzidas por discursos tidos como verdadeiros, se sentirem mais livres que os pássaros, enquanto eu as vejo como mais uma peça aumentando o poder de determinadas instituições de controle. Há uma espécie de amputação mental que vai mudando suas formas com o tempo e que estaria a correr velozmente sem controle nas vidas ultra conectadas, imprimindo adoecimentos.*

É preciso enlouquecer os ouvidos entupidos de normas para constituir novas possibilidades de vida. Diante das subjetivações estudantis caleidoscópicas encontradas no caminhar da pesquisa, a cada trajeto, a cada afeto libertado, elas formam novas composições; a cada vez, fazem perolar uma escuta sensível da vida do outro como se fosse uma obra de arte, como quem escuta uma sonata ou um prelúdio em compassos e descompassos, uma vez que, “toda existência é por definição composta”<sup>12</sup>. Uma voz docente gri-

---

10 FOUCAULT, (2014, p. 163). A loucura só existe em uma sociedade [1961]. In: Ditos e escritos I.

11 LABATUT, (2022, p. 42). A pedra da loucura. O autor, na citação, refere-se à Philip K. Dick.

12 DELEUZE, (2017, p. 229). Espinosa e o problema de expressão.

ta que nem uma louca: — *os alunos são a alma da universidade!* Naquele instante, Lis'Aspiral pergunta-se: se os alunos são a alma, os professores são, então, o quê?; um corpo escondido na platônica caverna? Loucura de fragmentar as partes que compõem uma instituição?

Alunos e docentes são corpos em de.composição em suas im.permanências. Quando uma presença se faz pela ausência, em que *o aluno se contenta em 'passar' apenas, está ali, mas não está ali*, como menciona a Docência-camelo. Será que tal aluno não estava ali porque em devir-pássaro alçou voo para se distanciar das coisas que estariam esquadrinhando seu corpo? Lis'Arromba os ditos&escritos dos alunos formandos desta tese, os quais dizem que fazem exercícios físicos, dizem que não dá tempo para incluir o movimento em suas rotinas cheias de tarefas procrastinadas, dizem saber o quanto lhes importa a saúde. Se a vida é movimento e o maior movimento é o do pensamento, como incluir formas de pensar às caminhadas universitárias em suas vivências? Seria preciso explorar a cidade, fazer alianças com docentes da arquitetura e urbanismo, da educação física, da dança, do teatro, da música... para engajar uma ação pelo corpo? O corpo é o que somos em ato, e, “agimos quando, em nós ou fora de nós sucede algo de que somos a causa adequada”<sup>13</sup>. O movimento produz linguagens, sensações, desejo. Im.permanências transpostas de diferentes modos de pensar, sentir, agir. É o que Lis'Arqueira encontra na frase docente sobre os estudantes:

---

13 SPINOZA, (2020, p. 98). ÉTICA.

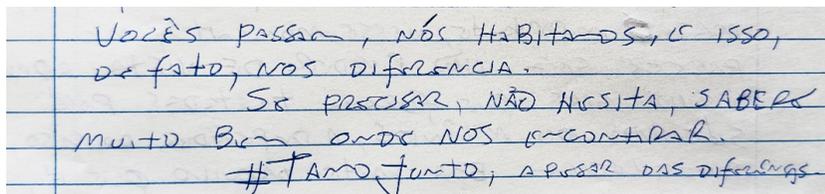


Imagem 1: Recorte de uma carta docente aos alunos

Fonte: autora, 2022.

Entre os que passam, mas deixam marcas, e o que habitam, mas imprimem suas saídas, é possível inferir forças que interagem, deixando visível que não há como padronizar as singularidades humanas. O cuidado de si como prática de liberdade seria pensado como uma forma de instrumentalizar o estudante a conduzir sua própria vida, sem perder de vista que não está sozinho nessa jornada acadêmica, e que ela não o levará para caminhos de exclusão, “apesar das diferenças”.



Partindo das respostas dos alunos sobre suas relações com o professores, as considerando em grande parte com potência geradora de laços e da procura de estudantes em geral pelos serviços de acolhimento e de grupo na PRAE, é possível perceber que a maior loucura seria não ouvi-los, não criar espaços de diálogos. Na travessia dos afetos, o medo ainda parece usar camisa de força, se debatendo nos corpos de quem aprende e de quem ensina. O medo passa pela possibilidade de cometer erros acadêmicos, de sofrer represálias, da devassidão dos currículos, das perdas dos encontros na época pandêmica, da infelicidade dos dias solitários, de sujar as mãos com as tintas da entrega às experiências, de cansar os pés nos corredores das decisões... tantos medos que eles chegam a formar

uma massa cinzenta em seus pensamentos, aceleram os cardíacos batimentos, e se transformam numa coisa que insistimos chamar de Ansiedade. Mesmo que se caminhe mais em direção às subjetivações, as quais não podem ser medidas nem quantificáveis, Lis'Analítica poderia extrair um *quantum*<sup>14</sup> de força nos números. Face a isso, é possível perceber que 75% dos participantes desta Tese relatam sentir ansiedade na maior parte do tempo durante o processo de graduação (como na imagem 9 do Livro 1) e, quando perguntado como se sentiam na maior parte do tempo no último mês, próximos à conclusão de sua formação acadêmica, eis que 87,5% responderam que sentiam tensão e ansiedade e 12,5% tristeza e depressão. Conforme gráficos a seguir:

### Como sentiu-se na maior parte dos dias no último mês

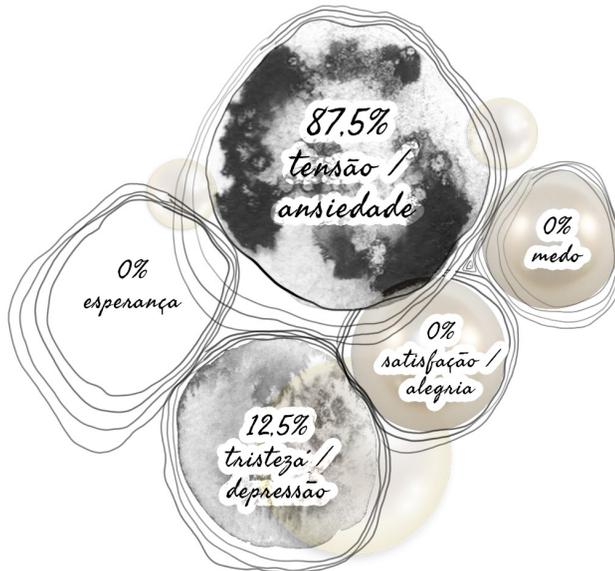


Imagem 2: Gustavo  
Fonte: autora, 2022

14 *Quantum* de força entendido como poder de transformação, (CÉSAR; SILVA; BICALHO, 2014).

Ao ressaltarmos que ambas condições emocionais (ansiedade e depressão) são preponderantes no ambiente acadêmico quando o assunto é saúde mental, mesmo com um número pequeno de alunos que compõem os números da imagem, Lis'Anda percebe que eles contêm forças que dialogam com outros estudos, como visto no Livro 1 (dos trajetos, anexo 4).



Até que ponto a Loucura se disfarçava para encobrir as lágrimas não derramadas pela tristeza, disfarçando o que seria o mal do século XXI, a depressão? Esta, que não seria mais uma neurose nem uma psicose, mas um “estado” de fadiga e déficit, uma espécie de esgotamento. Esgotamento que rouba do indivíduo uma perspectiva revolucionária e que o faz buscar a felicidade nas drogas, na religiosidade, na higienização e no corpo perfeito, como já havia previsto a psicanalista Elizabeth Roudinesco no ano de 2000<sup>15</sup>. Nessa direção, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han<sup>16</sup> tece uma análise desde uma sociedade do cansaço e do desempenho, a qual é habitada por um inconsciente social para maximizar o desejo por produção, passando pelas fatigadas relações do mundo virtual na contemporaneidade, em que o neoliberalismo explora a psique.

A Loucura solta há algum tempo pelo Castelo dos Saberes perambulava por entre afetos tristes e pelo “inferno do igual”<sup>17</sup>. É o que a frase em ritornelo da docência retorna, para escrever em sua carta aos alunos, o fato pelo ainda que as relações se horizontalizem, algumas forças emergem delas para demarcar distâncias. O que aproximaria professores e estudantes?

---

15 ROUDINESCO, (2000). Por que a psicanálise?

16 HAN, (2017). Sociedade do cansaço.

17 HAN, (2017, p. 8). Agonia do Eros.

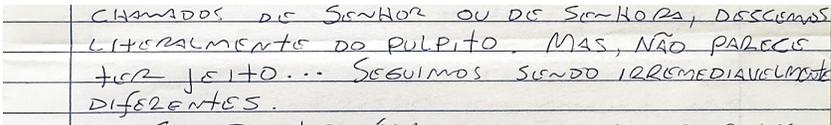


Imagem 3: Recorte de uma carta docente aos alunos

Fonte: autora, 2022.

Seria loucura dizer que não é desejável que os estudantes se sintam pertencentes à universidade, à turma de colegas, por meio dos encontros que tracejam afetos alegres na composição dos seus corpos com as paisagens educacionais e que aproxime suas geografias afetivas dos territórios docentes. Por outro lado, fazer de tais laços sociais (e educacionais), uma demanda ou uma condição *sine qua non* para habitar o território conquistado, parece caminhar para uma certa servidão, quando se projeta no exterior a causa de seu desejo, a saber, o de pertencimento. Nesse sentido, teria dito Nietzsche, em tom de ironia: “Igualdade para os iguais; desigualdade para os desiguais, este seria o verdadeiro discurso da justiça e, o que daí se segue, jamais igualar os desiguais”<sup>18</sup>. Não se trata de uma democracia para que as existências respirem o mesmo ar, mas de uma politicidade do cuidado para que as subjetivações rompam fastios de uniformidade e avistem as singularidades, em que a instituição se constitua como um espaço para elas se encontrarem. Afinal, “todos são iguais; o que pensa de outro modo vai pôr seu pé para o manicômio”<sup>19</sup>.

Lis’Alouca sente enlouquecendo por entre livros, arquivos, necessidades e desejos. Pergunta-se a todo instante sobre sua própria “normalidade” e, infere, de alguma maneira, que romper com aquilo que imagina que o outro-instituição espera dela, talvez seja o

18 NIETZSCHE, (2020, p. 101). Crepúsculo dos Ídolos. Na citação do aforismo 48, o autor menciona uma crítica ao progresso sob a teoria da igualdade, como em Rousseau nas verdades da Revolução.

19 NIETZSCHE, (2016, p. 29). Assim falava Zaratustra.

mais consoante com a natureza de seu corpo. Assim, “assumir os riscos das intempestivas páginas da geografia dos afetos, sabendo que os devires são geografias, são orientações, direções, entradas e saídas”<sup>20</sup>, ainda que, em estados provisórios de ser e estar no mundo, é conceder um fractal modo de olhar para os estudantes e seus des-caminhos. É preciso salvar a Loucura da loucura que é querer tudo normal, igual ou como antes do advento do SISU naquele Castelo. É preciso acolher as marcas deixadas por ela nos corpos. Sobremaneira um alerta do poeta no meio do caminho: “Como então, senão por doença, cair e reincidir na anormalidade de querer pensar hoje a mesma coisa que se pensou ontem”<sup>21</sup>. As mudanças ocorridas no dito “perfil” do aluno universitário vêm para ensejar novas formas de viver o coletivo. Um coletivo em que “os homens são tão necessariamente loucos que não ser louco significa ser louco de um outro tipo de loucura”<sup>22</sup>.

Pelos caminhos cartográficos, haveria um devir-louco? Fazer A Travessia pelos afetos da louCURA torna a saúde mental na universidade uma possibilidade aberta e profícua, desde que compartilhada, desde que em movimento. O que esse mar turbulento de afetos poderá dizer? Antes mesmo que pudesse fugir do desatino do mundo, sob uma espécie de naufrágio, personagens cartográficos atravessam um mar turbulento em meio à conexão entre dentro e fora, tal como a fita de möebius, em eterno retorno. E a Loucura condenada e estereotipada no contexto educacional pode ser olhada sob outros prismas. Assim, “as pessoas só têm charme em sua loucura, eis o que é difícil de ser entendido. O verdadeiro charme das pessoas é aquele em que elas perdem as estribeiras, é quando

---

20 DELEUZE; PARNET, (1998, p. 10). Diálogos.

21 PESSOA, (2019, p. 85-86). Fernando Pessoa: percurso em prosa: volume 1.

22 FOUCAULT, (2019, p. 36). História da loucura na Idade clássica. Na citação, o autor faz uma referência a Blaise Pascal.

elas não sabem muito bem em que ponto estão”<sup>23</sup>. Isso porque “não que elas desmorerem, pois são pessoas que não desmoram. Mas, se não captar aquela pequena raiz, o pequeno grão de loucura da pessoa, não se pode amá-la”<sup>24</sup>. Encontrar o charme nos personagens da Docência-camelo, da Docência-leão, da Docência-criança, do Discente Mutante, da Aluna Brillhante, do Pássaro Azul, do Menino-que-carrega-água-viva, da Crisálida Negra, e até do Professor, - ao longo desse percurso investigativo -, é encontrar uma certa arte de viver permeada por aprendizados que esposam a vida inteira. O cuidado de si habita o caos necessário para inventar linhas de fuga, linhas de expressão e de deslocamento. Caminhada permanente que faz doer, caminhada premente que faz crescer. Crescer dói.

Assim, depois de passar por linhas do amor, das docências e outras drogas, Lis’Anestesiada percebe que a medicalização da vida não se refere apenas às questões de uma pragmática higienista de um modelo médico que dispõe sobre o que seja “normal” e o que seja “patológico”, sobretudo nos discursos da saúde mental; não se refere apenas às premissas de uma farmacologia que opera sob alguns possíveis desígnios de um contexto econômico e político em prol de solução *ad hoc* para depurar da vida um ideal de saúde no espaço social. A medicalização parece que também se remete a um certo *modus operandi* que engolimos em nossas condutas como o “certo” a se fazer, quiçá como fórmulas de eliminar a dor e o mal-estar. Acolhermos nossas frustrações como parte de um processo [terapêutico; subjetivo; ensino-aprendizagem] torna-se um desafio em meio ao bombardeio de pílulas de felicidade e às promessas de “sucesso” ao sermos produtivos. Ainda que seja inegável a impor-

---

23 DELEUZE; PARNET, (1997, p. 27). O Abecedário de Gilles Deleuze. F de Fidelidade.

24 DELEUZE; PARNET, (1997, p. 27). O Abecedário de Gilles Deleuze. F de Fidelidade.

tância do desenvolvimento em torno dos medicamentos que amenizam sintomas e tratam doenças; ainda que práticas para uma vida “saudável” possam ser desejáveis sob a perspectiva de uma estética da existência; ainda que amar e trabalhar componha a premissa freudiana de uma vida-obra a se fazer; - parece interessante estarmos atentos aos signos que emergem daquilo que nos acontece, os quais emitem desconforto e sofrimento, para depreender daí, um novo saber que nos cabe orquestrar em nossas relações com o si, com o outro e com o mundo. Atentos para as desarmonias, biorrítmos e de.composições que forjamos para nos encapsularmos, não raras vezes, no despojamento daquilo que venha nomear nosso desejo. Seja lá o que a vida prescreva na receita biopolítica de fazer viver, que tenha sempre doses de mais vida a proliferar no coletivo de forças e almas em comunhão com o humano sensível que há em nós! É no ato contínuo de proscreever o que anestesia o encontro com os nossos próprios afetos que tecemos a medicina da confiança. Se regimes de verdade prescrevem extirpar o pulsional de nossas subjetividades, que nosso remédio seja o passional ímpeto de amar, proteja nossa capacidade de criar outros modos de existência e grite sim à vida em alto riso.



Dessa forma, Lis’Atônita, mais uma vez percebe que a trilha da loucura no meio do Castelo dava a sensação de se estar enlouquecendo, não por suposta falta de juízo, afinal, era preciso dar fim ao juízo; mas pelo vapor de incorporais que tomava a superfície das peles incompreendidas, excluídas, dopadas. A receita para um corpo bem cuidado havia naufragado com as verdades de regimes dogmáticos e haveria uma busca outra de verdades singulares sobre a saúde para cada um naquele Castelo. Clarice intervém naquela

Trilha e diz: — “Eu não entendo! Por medo da loucura, renunciei à verdade. Minhas ideias são inventadas. Eu não me responsabilizo por elas. O mais engraçado é que nunca aprendi a viver. Eu não sei nada. Só sei ir vivendo”<sup>25</sup>. Talvez fosse isso, *Tocar a vida que nos toca viver*, como fala a Docência-criança. Um gesto a.COLHER.dor. Talvez um pouco como Larrosa ensina a Lis’Aula que “o ofício de professor é exercido, ainda, em um tempo cíclico, quase camponês. O tempo deste é um ciclo em que tudo acaba, morre, desaparece, mas também é um tempo em que tudo volta, retorna, recomeça. Semeia-se, cuida-se, colhe-se, volta-se a semear, a cuidar, a colher”<sup>26</sup>. Começa a perceber que acolher a dor do outro, passa por acolher a sua própria. Passa a ouvir os sinais do Doutor Tempo que nas repetições e ciclos de uma vida aprendiz, de uma vida docente, é preciso semear, depois colher, ainda que a experimentação da semente já seja uma forma de colheita. Sem garantias, pois, cada estação, cada corpo ali transpassado, dá-se de um jeito, imperceptível. Penso? Existo? Descartes teria encontrado a loucura no caminho da dúvida e ao lado dos sonhos. Despojando-se do corpo, ele refugia-se no privilégio do pensamento enraizado a uma consciência de si mesmo. O cogito cartesiano encontra uma racionalidade fundamentada na verdade a ser des-coberta e a evadir dos erros que sobrevêm de causas transcendentais. É por perceber o conhecimento das causas como imanentes ao indivíduo, que Spinoza vai se afastar daquele método, uma vez que conhecer os próprios erros seria como se deparar com a própria servidão. E reconhecer uma produção de um saber na experiência da loucura, não apenas resgataria o sujeito do poder de decisão sobre sua vida, como o colocaria defronte com

25 LISPECTOR, (2020, p. 47). Um sopro de vida.

26 LARROSA, (2019, p. 35). Começar/ repetir um curso [com Miguel Morey e Peter Handke]. In: Esperando não se sabe o quê.

seus limites, uma vez que “a natureza da loucura é ao mesmo tempo sua útil sabedoria”<sup>27</sup>.

E era por isso que...

### **a loucura tinha razão**

“Penso, louco existo!”<sup>28</sup>. O mundo das certezas pisa em areias movediças ao caminharmos mais pelo chão das dúvidas e de um passo firme no reconhecimento daquilo que vem nos colocando em servidão. Uma existência mais livre, a esculpimos com o que somos capazes de pensar. O pensamento faz da vida um caminhar incessante, onde “é preciso provocar partidas, transgressões, alimentar enfim, a loucura e o sonho”<sup>29</sup>. Nossas loucas experiências resgatam limiares para nossas decisões e relações, uma vez que “os acontecimentos são como cristais, não se transformam e não crescem a não ser pelas bordas, nas bordas”<sup>30</sup>. Não se trata, pois, de erradicarmos um sofrimento, de “purgar a loucura da doença mental”<sup>31</sup>, mas por meio do encontro com a palavra-corpo, adentrarmos numa travessia que dê contorno ao que sentimos por meio de um laço social que enfrente os impasses. Não fatigamos o conflito ao evitá-lo, mas o perfazemos por nossas tragédias, pois a tragicidade da vida não incide sobre a loucura, “a loucura só existe em cada homem porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta”<sup>32</sup>. Na loucura, há um saber. Sinto, logo re-existo modos outros de vida, menos subordinados à razão iluminista e mais entrelaçados às causas daquilo que podemos em ato. Quando dose de enlouquecimento sopra sua doce aparência, não por imaginação, mas por flexão do pensamento, é quando verdadeiramente encontramos o que nos arromba o espírito e nos coloca em movimento. Internar os desejos em patologias não trata a saúde como uma arte a ser conquistada nos intempestivos ventos

27 FOUCAULT, (2019, p. 185). História da loucura na Idade clássica.

28 Escutou em encontro com a amiga artista e escritora, Vanessa Basda. (informação verbal).

29 GRÓS, (2021, p. 15). Caminhar, uma filosofia.

30 DELEUZE, (2015, p. 10). Lógica do Sentido.

31 DELEUZE, (2006, p. 257). Três problemas de grupo [1972]. In: A ilha deserta: e outros textos.

32 FOUCAULT, (2019, p. 24). História da loucura na Idade clássica.

cotidianos acadêmicos. Quando por medo de sentir medo o colamos numa camisa de força, esquecemo-nos das forças de criatividade que a devassidão pode reconstruir em nós. À tempo de redescobrimos que “não conhecemos nossa felicidade, nunca somos tão infelizes quanto acreditamos”<sup>33</sup>, podemos perceber que haveria uma certa demência no abandono do sensível. Ao final, as sensibilidades não nos enganaram e a loucura, tinha razão!!

## *Loucografias*



Quando a Loucura parte temporariamente para que a Razão (Iluminsita) fique em seu lugar, um grande arena é construída para que um outro tipo de razão (spinozista) ganhe espaço nas asas do pensamento dos caminhantes educacionais. A razão da Loucura queria ser livre, e “ser livre era seguir-se, afinal, eis de novo o caminho traçado; ela só via o que já possuía dentro de si”<sup>34</sup>.



Nômade, a Loucura não se prende às *ideias fixas*<sup>35</sup>, mas depreende das ideias uma sensibilidade, é o que sua razão nos mostra quando se movimenta pelos trajetos do pensar-sentir, e ganha mais territorialidade nos corações de estudantes, afinal, “há na vida uma espécie de falta de jeito, de fragilidade da saúde, de constituição fraca, de gagueira vital que é o charme de alguém”<sup>36</sup>. Gaguejando vestígios de Pandora, Lis’Alucinada, matura os efeitos que eles arguiam de causas pelo seu corpo. Caía por terra as racionalidades que ceifavam o arrear da pele. O delírio está

33 PROUST, (2020, p. 294). Em busca do tempo perdido. Volume I. No caminho de Swann.

34 LISPECTOR, (2022, p. 30). Perto do coração selvagem.

35 Cartografia disponível em: <https://www.instagram.com/p/CyrBCeKANWh/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

36 DELEUZE; PARNET, (1998, p. 13). Diálogos.

em desejar. Realiza-se por meio de uma conexão transversal entre heterogêneos. Afinal, “o louco é demasiada e diretamente sensível para que se possa reconhecer nele discursos gerais da loucura”<sup>37</sup>. Diferentemente de pensar na ordem dos discursos que condicionam uma quantidade determinada de sintomas, que enunciam uma certa patologia, a Loucura à qual se refere neste ponto é justamente aquela que cria lugares para conVERSAR, que redesenha as cartografias. Assim, diante das sensibilidades discente e docente e não de suas supostas loucuras (aquelas que a sociedade consideraria “anormais”), Lis’Anda caminha por espirais do tempo, desenhariam possibilidades para pensar uma Saúde Inventiva? Cartografar as sensibilidades estudantis faz mais rizoma que uma mapa de pontos localizáveis sobre a juventude na universidade.

Lis’Anda viu-se em uma nau de sua louca caminhada pelo mundo estudantil cotejando invenções, avistando utopias, rompendo idealizações. Desatino de cartógrafa nas subjetivações desérticas dos destroços pandêmicos, as ruas vazias de gente pelos campus aos poucos começam a serem novamente habitadas, as salas virtuais de estudantes sem corpo sem rosto vão sendo ladrilhadas em uma terceira dimensão: a do cuidado de si.

---

37 FOUCAULT, (2019, p. 188). História da loucura na Idade clássica.

## 2 cuidado de si



O cuidado de si tem sido tratado de diversas e divergentes maneiras no campo da educação e da psicologia. Um recente estudo de Aquino e Ribeiro sobre “O cuidado de si na pesquisa educacional brasileira”<sup>38</sup> – desenvolve-o como noção-problema para que a sua reativação possa caminhar mais na direção daquilo que devimos diferir em uma experiência de dissolução de si, que de um aprimoramento salvacionista e quimérico acerca dos valores helenísticos que reduziriam ações pedagógicas ao autoconhecimento, à autodeterminação e à autoestima. Os autores articulam que tal perspectiva deva abrir brecha para à imanência educacional em suas forças agentes nas variações e transitoriedades dos modos de vida. Sobretudo, em sua dimensão ética, “pois no fundo, Foucault não cessa de insistir sobre o fato de que o sujeito suposto por essas técnicas de si, pelas artes da existência é um eu ético, antes de um sujeito ideal de conhecimento”<sup>39</sup>. Assim, tais técnicas que se ligariam às “artes da existência” de uma cultura grega ou greco-latina que buscavam modificarem-se de forma singular, “perderam, sem dúvida, uma certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integradas no exercício do poder pastoral e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico”<sup>40</sup>, como se pode ver perdurar ainda na contemporaneidade. Michel Foucault problematiza, ao longo de sua trajetória intelectual, os “jogos de verdade” que o homem estabelece com “seu próprio pensar quando se percebe louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo”<sup>41</sup>.

Michel Foucault, envereda também seus estudos sobre a his-

---

38 AQUINO; RIBEIRO, (2022).

39 GRÓS, (2008, p. 127). O Cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO; VEIGA-NETO, (orgs). Figuras de Foucault.

40 FOUCAULT, (2018, p. 16). História da sexualidade vol 2: o uso dos prazeres.

41 FOUCAULT, (2018, p. 11-12). História da sexualidade vol 2: o uso dos prazeres.

tória da sexualidade, e para além desta como dispositivo que produz discursos e condutas sobre os corpos, ele se interessa pela lenta formação da hermenêutica de si durante a Antiguidade, período que se estende de III antes de Cristo à V depois de Cristo. Portanto, o cuidado de si, resgatado por Foucault<sup>42</sup> não encerra um conceito homogêneo, pois assume diferentes repercussões ao longo da história, e não o faz para que se retenha o prazer, mas para demonstrar que a austeridade moral dessas filosofias surge muito antes da moral cristã ou de uma dada juridicação moderna, ainda que depois sofra influências dessa. Assim, “a prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado, instruído, mas sim como indivíduo que sofre certos males e que dele debes cuidar, seja por si mesmo, seja por alguém que para isso tem competência”<sup>43</sup>. Nessa direção, esta tese busca condições de possibilidade para uma porta de saída da moral universal ou individualizada sobre si. Dessa forma, o que fascinava Foucault, em entrevista à Paul Rabinow e Hubert Dreyfus [1983], era a ideia do BIO como um material para uma peça de arte numa relação consigo que pode ser criativa, e, ressalta, que “o que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida”<sup>44</sup>. O filósofo problematiza o tratamento desse cuidado ao longo da história da humanidade, percorrendo alguns momentos:

---

42 O cuidado de si é resgatado por Michel Foucault, em *História da Sexualidade*, sobretudo no volume 2 [o uso dos prazeres]; no volume 3 [cuidado de si]; bem como em suas aulas dos Cursos do *Collège de France*, tais como *Subjetividade e Verdade* (1980-1981), *A Hermenêutica do Sujeito* (1982), *A Coragem da Verdade* (1983-1984), bem como conferências de Berkeley e de Toronto.

43 FOUCAULT, (2018, p. 74). *História da sexualidade vol. 3: o cuidado de si*.

44 FOUCAULT, (1995, p. 261). Entrevista em Berkeley [1983]. In: RABINOW; DREYFUS. Michel Foucault, uma trajetória filosófica.



**Platão**  
(427 - 347 a.C.)

**Momento Sócrático-platônico**  
(grego)

É no texto de Alcebiades I, de Platão, que o termo cuidado de si aparece primeiramente. Alcebiades é uma figura ateniense que estava prestes a ingressar na vida política, quando Sócrates passa a dialogar com ele a respeito das condições de sua própria vida, que, apesar de advir de família rica, precisava adquirir técnicas para se preocupar consigo mesmo. Sócrates ensinava Alcebiades a governar a si se quisesse ser capaz de governar a cidade. Nesse percurso platônico, por meio da contemplação da própria alma se ascende às Ideias, um olhar para o alto, uma transcendência. Alma que era vista como separada do corpo, verdade como algo fora de si mesmo a ser buscado para deixar de ser ignorante. O si mesmo platônico é a própria alma, e é ela que precisa ser conhecida, para saber de seus vícios, paixões e virtudes, de modo a conduzi-la segundo uma ética da existência com sentido e congruência ao seu tempo. Por meio do diálogo sócrático, Alcebiades é conduzido a prestar atenção à precária educação que teve, e a ocupar-se com a própria alma por meio das reminiscências, da justiça e de princípios para um bom governo, a saber os preceitos délficos: nada em demasia nas demandas; cauções para prevenir generosidade excessiva; conhecer-se a si mesmo de modo a se lembrar sempre de que se é um mortal e não se deve afrontar as potências da divindade. Assim, umas das hipóteses pelas quais o conhecimento de si ganhou subordinação ao cuidado de si nesse período aproxima-se da premissa do sujeito estar equipado com verdades para enfrentar o mundo exterior. Mas não era algo a ser vivenciado por qualquer pessoa, mas sim destinado aos jovens aristocratas em uma relação política para governar, mas também numa relação erótica-filosófica com seu mestre. As condições de espiritualidade que o cuidado de si designa são, por um lado, internas do ato de conhecimento e, por outro lado, extrínsecas, culturais.



**Sêneca**  
(estoico, 4 a.C. – 65 d. C.)

**Período helenístico-romano**  
(epicurismo; estoicismo; cinismo)

O cunho erótico da relação com o mestre desaparece, mas ainda a presença do outro é indispensável, podendo configurar laços fortes de amizade, como por exemplo nas cartas que Sêneca escrevia para Lucílio. A relação consigo mesmo passa não mais a privilegiar jovens ou governantes, mas espousar a vida toda até a velhice e a estabelecer uma série de exercícios ou práticas, como a escuta, a escrita, as meditações, em prol de equipar o sujeito para a vida onde o conhecimento de si passa a ser subordinado do cuidado de si. Era recomendado um exercício constante sobre si, como num torneio atlético ou numa guerra, em que é preciso estar preparado, e em que o si mesmo é uma relação de si e ao mesmo tempo com o outro.



**Plotino**  
(neoplatônico, 204 - 270 d.C.)

**Cristianismo**  
(neoplatonismo)

Com o Cristianismo, o cuidado de si passaria a coincidir com uma noção de renúncia de si em obediência a uma moralidade punitiva. Nessa perspectiva, o conhecimento de si finda subordinado à confissão das verdades (pecados), em uma relação de dependência com um outro que lhe dirige a alma para que esta seja salva. Isso resulta em um ato de obrigação aos dogmas e Escrituras, por meio de duas distintas formas, uma interpretativa, que julga pelo bem ou pelo mal, e outra que busca decifrar a origem dos pensamentos em uma interioridade. Há novamente a reversão do privilégio sobre o conhecimento de si, como no período platônico, uma espécie de neoplatonismo, em que um de seus representantes foi o filósofo Plotino.





Ao longo desses períodos históricos, Foucault se utiliza do estudo das tecnologias de si em interações constantes com as formas de poder e saber, nas quais detecta, que o cuidado de si [*epiméleia heautoû*], foi por um tempo negado em prol do conhecimento de si [*gnôthi seautón*] e, só mais tarde, o conjunto de práticas que consistem em relacionar o sujeito e a verdade, fomenta que, para que o conhecimento de si ocorra, é preciso ocupar-se consigo mesmo. Contudo, não se trata de descobrir uma verdade no sujeito com direito a origem, nem de fazer da alma uma essência na qual resida o discurso verdadeiro, mas, “trata-se, ao contrário, de dotar o sujeito de uma verdade que ele não conhecia e que não residia nele; trata-se de fazer dessa verdade aprendida, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reine soberanamente em nós”<sup>45</sup>. A estética da existência por essas técnicas visadas não se aproximariam, em alguma medida, daquilo que quis Nietzsche, dois mil anos mais tarde, ao propor a transvaloração dos valores que consiste em um desaprender [estóico], para daí empreender novos valores e fazer disso uma existência bela? Logo, as condições de espiritualidade que o cuidado de si designa, são, por um lado, internas do ato de conhecimento e, por outro lado, extrínsecas, culturais. Ainda que fatos antigos na cultura grega concebam, por exemplo, a noção de *páthos*, a qual designa tanto a paixão da alma quanto a doença do corpo e, todo um campo metafórico que permite aplicar ao corpo e à alma expressões como tratar, curar, amputar, escarificar, purgar, o que se depreende do cuidado de si para o contexto da universidade, caminha em outra direção.



---

45 FOUCAULT, (2010, p. 451). A Hermenêutica do Sujeito. [Resumo do curso].

O caminhar de Lis'Anda desvia-se do percursos de uma hermenêutica do sujeito desenvolvidos por Michel Foucault em seus últimos estudos (ainda que ele próprio tenha dito que estaríamos longe de tal hermenêutica) e empreende uma tímida aproximação daquilo que se vê capturada do cuidado de si estoico. Lis'Aprendiz percebe que o próprio estoicismo possui diferenciações ao longo da história. Parece que seria pertinente elucidar pelo menos três momentos estoicos: 1. Estoicismo Antigo, cujos representantes como Zenão de Cítio, Cleantes e Crisipo (Grécia) são mais conhecidos pelos comentários de seus opositores que por seus próprios escritos quase inexistentes; 2. Estoicismo Imperial (helenístico-romano), que parecem ter sido privilegiados por Foucault, cujos principais representantes são Epicteto, Sêneca e Marco Aurélio e, em alguns pontos, como o da não-servidão, dialogam com a filosofia dos cínicos (Diógenes); e 3. Neoplatônicos, que aqui não serão considerados, mas que conceberiam uma moral austera. Assim, percebendo a teoria dos incorporais nos estoicos antigos e, a vida articulada por uma prática ética de si no estoicismo imperial, Lis'Aliança, elege alguns elementos dos mesmos para pensar o cuidado de si na universidade, ainda que de forma embrionária.



Distanciando-se do platonismo, percebe no estoicismo, que o corpo não aprisiona a alma, mas à ele a alma é vitalidade imanente, tencionando suas partes ao limite do que pode, pleno de razão. Ora, isso não estaria muito próximo do que Spinoza diz na proposição 10 da Parte V de sua *Ética*; quando ele menciona que, “durante o tempo em que não estamos tomados por afetos que são contrários

à nossa natureza<sup>246</sup>, a potência de nossa mente não está impedida de formar ideias claras e distintas de modo a alcançarmos o ordenamento das afecções do nosso corpo a partir do entendimento de suas causas. Ao estoicismo antigo, “a causa, tal como nós a definimos, é um corpo, e o que sofre a ação dessa causa também é um corpo<sup>247</sup>. Isso não seria também uma aproximação de Nietzsche quando ele enuncia seu super-homem?; o qual não deixaria mais a alma desprezar o corpo, em que Lis’Almada com seu corpo em repetição diz: “há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria<sup>248</sup>, e, assim, um ritornelo soprano, movimenta o fogo primordial da pesquisa, produzindo no processo do caminhar, tensões menores. Quando os afetos de medo, do Discente Mutante [*será que vou conseguir me graduar?*], e da Aluna Brilhante [*termina a graduação, e agora?*], transformam-se em ansiedade, é como se a pouca clareza e a dúvida, acerca do que podem seus corpos, os fizessem, em alguma medida, pelo menos naquele momento, diminuir a vitalidade e a força de agir das quais são capazes. Isto para dizer que alguns dos efeitos que a ação do *corpo-arquivo-sensível*, por meio de sons e imagens, de calor e umidade, com doses de ausência de causalidade, admite uma mistura com o corpo da cartógrafa, em que o sopro dos encontros, em vertigem, penetra como uma extensão comum. O atributo é sempre “expresso por um verbo, isso quer dizer que ele não é um ser, mas uma maneira de ser<sup>249</sup>. Lis’Atribui aos estoicos, e às chamadas deixadas por Clarice, que mais vida possa soprar nas relações da Educação com a Saúde. É nesse encontro sob as forças de um acontecimento de caráter singular, e em certa medida espiritual, que um corpo age sobre outro corpo de algo incorporal. Seria

46 SPINOZA, (2020, p. 220). ÉTICA.

47 BRÉHIER, (2012, p. 23). A teoria dos incorporais no estoicismo antigo.

48 NIETZSCHE, (2016, p. 46). Assim falava Zaratustra.

49 BRÉHIER, (2012, p. 32). A teoria dos incorporais no estoicismo antigo.

como dizer que o adoecimento psíquico do estudante não é causa para a sua fraca implicação no processo formativo, mas causa desse fato, que o vínculo com a instituição enfraqueça, chegando ou não, à evasão acadêmica. Se onde há fogo, há fumaça, seria possível dizer que onde há sofrimento-adoecimento-pedidos-de-ajuda, como incorporais exteriores, há um corpo em chamas como causa.<sup>50</sup> Assim, o fato incorporal indica um limiar na ação dos corpos, como se as subjetivações estudantis fossem de algum modo produzidas nas misturas ou entremeios dos quatro incorporais: o espaço, o tempo, o vazio e o exprimível. Sendo pois repetidas no tempo da Traversia dos Afetos em espaços sempre outros heterotópicos das *subjetivações caleidoscópicas*, em que saltar no amplo vazio dos acontecimentos, inaugura o desprendimento de normatividades que ditam a vida institucional para ganhar outras formas de expressão. Há algo intermediário entre o pensamento e a coisa que produz marcas na razão, onde “é o pensamento que a constrói, reunindo, aumentando, diminuindo os objetivos sensíveis que a ele são dados imediatamente”<sup>51</sup>. Os procedimentos pelos quais a razão estoica age em composição e em contradição podem ajudar estudante e professor a examinarem seus afetos. Dessa forma, o aluno, por exemplo, não é “fraco”, o aluno fraqueja. Um estado provisório.



Quando um grão de areia cutuca suas peles, o olhar dos estudantes, sob uma perspectiva de subversão estoica, pode, revestindo uma camada subjetiva revolucionária, resistir ou modificar as relações que os aprisionam. As intensidades pelas quais passam nos

50 Deleuze (2015, p. 175), em *Lógica do sentido*, menciona que: “Dir-se-ia que as causas CORPORAIS são inseparáveis de um forma de interioridade, mas os efeitos INCORPORAIS, de uma forma de exterioridade”.

51 BRÉHIER, (2012, p. 39). A teoria dos incorporais no estoicismo antigo.

devires, encontram vizinhança nas cartografias dos agentes educacionais que questionam e tentam encontrar outros modos de viver. Isso parece torna-los capazes de talhar espaços vazios e furar a bolha universitária, no intercâmbio de forças que transversalizam a racionalização das lógicas, para dos seus sentidos extraírem expressão. Inspirado no estoicismo deleuzeano, Claudio Ulpiano menciona que “as coisas – o mundo – não se dão uma vez só, mas várias vezes, infinitas... As mesmas coisas que são destruídas pelo fogo divino, retornam da mesma maneira, infinitamente, sem fim. É o infinito do eterno retorno e o limite dos corpos”<sup>52</sup>.

Mais uma vez, Lis’Andarilha pelo eterno retorno nietzschiano capaz de força em metamorfose. Os estoicos falam de um presente eterno mas limitado, haja vista que “só os corpos existem no espaço e só o presente no tempo”<sup>53</sup>, de tal modo que fica muito difícil para as subjetivações presas no futuro pararem de sofrer com o desconhecido amanhã, pois só o que há está na imanência. Ou, dito nas palavras de Émile Bréhier, o ser será “o desdobramento no tempo e no espaço desta vida, com suas contínuas mudanças”<sup>54</sup>, mudanças que não se controlam, se vivem. Dessa forma, o estoicismo caminharia para a transgressão dos valores vigentes em nossa cultura contemporânea e das relações impostas pela instituição educacional. Modificar a si mesmo no entrecruzamento social de uma ocasião à experiência crítica, veiculada por uma amizade sublinhada pelo tempo e pelo espaço. Contudo, a transformação de um *ethos* docente e de um *ethos* discente pode exprimir labores submissos à política dos tempos que coloca a Educação nas massas de consumo.

---

52 ULPIANO, (2013, p. 113). Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento.

53 ULPIANO, (2013, p. 113). Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento.

54 BRÉHIER, (2012, p. 21). A teoria dos incorporais no estoicismo antigo.

É como se fosse preciso que a Loucura voltasse logo para encontrar a Educação que se esconde nas papeladas amareladas no tempo das desilusões no Castelo dos Saberes e, assim, talvez, consiga colocar em suspeição suas estruturas epistemológicas para pensá-las como invenção de problemas, e não resoluções enlatadas. Isso, de algum modo, faz ressoar algo da carta lida no encontro entre Lis’Anda e os docentes, onde Sêneca diz que não é fora do caminho dos problemas que despendemos nossas resistências enquanto força, pois “é impossível que qualquer coisa seja boa sem ser também desejável. Porque, novamente, se a virtude é desejável, e se nada que é bom carece de virtude, então tudo o que é bom é desejável”<sup>55</sup>. Parecia que Spinoza tinha lido tal carta, tantos séculos depois, pois para ele, não desejamos algo porque é bom, algo é bom porque o desejamos. Parece que tem tanta coisa para a Educação aprender! Se ao menos ela pudesse engolir algumas doses de insanidade, talvez pudesse também, distanciar-se das concepções de aprendizagens que não passam de um processo mental isolado, construindo, assim, *experiências* que se circunscrevem no corpo por inteiro. Se ela olhasse com mais atenção para a inseparabilidade entre corpo vivido e espaço, talvez entendesse que o corpo docente e o corpo discente não podem continuar a ser entendidos como entidades biológicas isoladas, mas que eles são capazes de se desenhar suas cartografias, em acoplamentos sociais e culturais pelos quais o conhecimento [de si] ganha corpo.

Não é um corpo que possui apenas necessidades físicas, mas um corpo que é capaz de produzir sentidos em si mesmo, em universos incorporais. Em ato. Ele “está em movimento, na expansão do ser, o ser para agir deve ter à sua disposição um teatro sem *limites*,

---

55 SÊNECA, (2021, p. 38). Cartas de um Estoico. Volume II. [Carta LXVII].

no qual ele determina por si só os limites”<sup>56</sup>. Os limites são aqueles que podem fazer os agentes educacionais afastarem de si mesmos, afastarem-se da suas potências de agir, ou até transbordarem algo de si capaz de criar algo novo. *Subjetivações aberrantes*. É quando a “paisagem se recompõe graças a uma nuance”<sup>57</sup>, onde singularidades se desvelam, na conversão do olhar para que a angústia se transforme em oxigenação do impensado e assim questionar:

Como o educador transmitiria a verdade a esse outro, com o intuito de não apenas lhes formar as suas aptidões, capacidades e saberes, como também em propiciar ao aluno essa atitude de cuidado e de transformação de si, compartilhando-a de modo a ampliar os seus efeitos sobre a transformação do mundo?<sup>58</sup>

---

56 BRÉHIER, (2012, p. 89). A teoria dos incorporais no estoicismo antigo.

57 LAPOUJADE, (2017, p. 29). AS existências mínimas.

58 PAGNI, (2011, p. 321). Formação humana e cuidado de si.



# **3 insURGÊNCIAS subjetivas**



**H**á uma espécie de espera na procura do tempo. Certa vez, um estudante havia dito à Lis’Atemporal, que tudo que se fazia na universidade era esperar. Esperar numa fila de ônibus para ir até o campus. Esperar para entrar no restaurante universitário. Esperar que um professor ofereça uma bolsa de pesquisa. Aquele tempo que transcorre até que algo aconteça, estaria escapando da vida estudantil? Em busca do tempo perdido parecia que nada se esperava além do próprio tempo, tudo se intentava agarrar. subjetivações presas no futuro das carências afetivas. Se alguém dissesse ao estudante que “não se profana impunemente o tempo substância que só ele pode empregar nas transformações”<sup>59</sup>, talvez, em meio às caminhadas pelas ruas universitárias, ele fosse capaz de se perguntar: “para que serve perceber tão depressa quanto um pássaro rápido, se a velocidade e o movimento continuam a fugir alhures?”<sup>60</sup>.



Se criamos uma espera, lenta, precisa e preciosa, torna o ato em si uma festa e uma tensão. Paradoxo de quem espera. Basta “uma simples espera, para entrar involuntariamente no mundo das coisas delicadas e elevadas”<sup>61</sup>. Há a espera de um ato ético. De um afeto político. De um pensamento estético. Destituir a seiva da esperança do colo da servidão. Acordar potências adormecidas em nós mesmos. Não é uma esperança pela salvação de um grande Outro. Uma espera ativa não carece de autorização. A democracia hiperbólica que nos acalenta. A capital dissolução do eu que nos alimenta. A passeata que não marcha, mas dança. Fazem da esperança um re-

59 NASSAR, (2016, p. 59). *Obra Completa*.

60 DELEUZE; GUATTARI, (2012, p. 83). *Mil Platôs. Volume 4*.

61 NIETZSCHE, (2016, p. 30). *Ecce Homo*.

começar. É tempo de perceber que “o tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor; embora incomensurável, o tempo é o nosso melhor alimento, sem medida que o conheça, tempo é contudo nosso bem de maior grandeza; não tem começo, não tem fim...”<sup>62</sup>. A reconciliação viria com o tempo, mas tinha pressa, pois o ônibus do desejo logo passaria no ponto nodal de seus mais elevados pensamentos; um ônibus cheio até o campus era uma viagem necessária para se chegar a uma aula. A impaciência enchia aquelas ambiências de um prazer imediato, cuja realidade das circunstâncias pelas distâncias percorridas, pelos atrasos, pelas faltas, pela fome, pela náusea, teriam dado a vida para reconstituir algo da verdade dos próprios desejos ao invés de, por vezes, pensarem, “o que estou fazendo aqui?”. Quando o aluno chega na universidade, ele não tem ali um começo, o único ponto zero a percorrer é seu próprio corpo. Quantas vezes as subjetivações fugitivas percorrem caminhos desconhecidos para escapar de uma família que lhe atribui um peso? Por vezes, o peso é justamente ser o único da família a ir para “a faculdade”. A bolha da universidade é refúgio e é sufocante ao mesmo tempo. Tempo é coisa perseguida naquelas avenidas imensas dos aprendizados. Aprende que a vida pode ser ampliada pela voz. “Falar é uma bela loucura; falando, baila o homem sobre todas as coisas”<sup>63</sup>. Diz que saúde mental é um tormento, mas aos poucos percebe que se trata de uma saúde singular. Que vai se espalhando pelo corpo docente. Que vai tensionando instituição para melhor acolher esses alunos. Que vão mudando de perfil a cada ano que passa. Que não há perfil afinal. Nem frente nem avesso. Espiral acontecendo a todo momento. “A história nos ensina que bons caminhos não tem fun-

---

62 NASSAR, (2016, p. 55-56). *Obra Completa*.

63 NIETZSCHE, (2016, p. 225). *Assim falava Zaratustra*.

dação, e a geografia, que a terra só é fértil sob uma tênue camada”<sup>64</sup>.



O devir-louco é um devir-ilimitado que se torna o próprio conhecimento, “incorporal, com todas reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, do ativo e do passivo, da causa e do efeito”<sup>65</sup>. A existência estudantil é feita de paradoxos e de coexistência nos espaços “entre” das coisas, que é o próprio caminho. Há um impessoal docente e um impessoal estudante como transeuntes do Castelo que vêm e vão, como vultos e sem rosto definido, apenas corpo em peregrinação, pois “somos corpos sensíveis, que em devir se deixam afetar pelas forças do mundo”<sup>66</sup>. A temporalidade da urgência precisa ser distanciada da crise, da pressa e da emergência. Assim, “por um lado o mais profundo é o imediato; por outro, o imediato está na linguagem”<sup>67</sup>. As cordas vocais precisam ser tocadas.

É a experiência de pedir socorro e o socorro ser dado. Talvez valha a pena ter nascido para que um dia mudamente se implore e mudamente se receba. Eu pedi socorro e não me foi negado. Senti-me então como se eu fosse um tigre com flecha mortal cravada na carne e que estivesse rondando devagar as pessoas medrosas para descobrir quem teria coragem de aproximar-se e tirar-lhe a dor. E então há a pessoa que sabe que tigre ferido é apenas tão perigoso como criança. E aproximando-se da fera, sem medo de tocá-la, arranca a flecha fincada<sup>68</sup>.

Alunos correm para não perderem alguma coisa, acordam seus sentidos se tiver uma cafeína nas veias, em solidão nutrem seus

64 DELEUZE, (2015, p. 11). *Lógica do Sentido*.

65 DELEUZE, (2015, p. 9). *Lógica do Sentido*.

66 STUBS, (2019, p. 92). *Devires de um corpo-experiência*.

67 DELEUZE, (2015, p. 9). *Lógica do Sentido*.

68 LISPECTOR, (2019, p. 86-87). *Água viva*.

dilemas, em agonia nem sempre gritam por socorro. Como aguçar no campo clínico o ato de criação que corra só por um instante pela fé que afirma uma vida? Confiar na vida é fazê-la florescer. Criar alguma coisa, para Deleuze<sup>69</sup>, não é refletir-sobre, ou simplesmente operar pelo prazer de fazer uma obra. Trata-se de uma necessidade. Com possibilidades reais de criar algo ou não, o que Lis'Artista vem sentindo ao longo dos anos em sua implicação com o campo da Educação que há uma chance no meio do caminho. Na clínica do suicídio, por exemplo, é um desafio para psicólogos, sobretudo nesse contexto institucional, entender o paciente-aluno sem demanda, sem sintoma, sem desejo, que se orienta pela ética de gozo por meio do morrer, em que alguns casos a morte lhe confere uma certeza. Émile Durkheim estabelece um amplo estudo sociológico acerca do suicídio e fala de suas dificuldades para a Psicologia. Menciona que “definir o suicídio por uma característica que, sejam quais forem seu interesse e importância, teria pelo menos o defeito de não ser facilmente reconhecível”<sup>70</sup>. De tal modo que reconhecer o que mobiliza o ser e o faz tomar a própria morte como resolução para sua dor é uma difícil tarefa, pois “quantas vezes nos engamos a respeito das verdadeiras razões que nos fazem agir?”<sup>71</sup>. É preciso que o estudante encontre outras formas de expressar seu sofrimento, dando novo sentido à vida em que exista lugar para o sonho, para a “invenção de si e do mundo”<sup>72</sup>. “Não é pouca coisa atender alguém, comprometer-se com seu destino, sempre correndo o risco de que isso só acabe num impasse!”<sup>73</sup>

---

69 DELEUZE, (1999). O Ato de Criação.

70 DURKHEIM, (2000, p. 45). O suicídio: estudo de sociologia.

71 DURKHEIM, (2000, p. 45). O suicídio: estudo de sociologia.

72 KASTRUP, (2007). A invenção de si e do mundo.

73 GUATTARI, (2022, p. 185) – A psicanálise deve estar em contato direto com a vida [1983]. In: Os anos de inverno 1980-1985.

No caderno *O suicídio e os desafios para a psicologia*, conforme Tavares<sup>74</sup>, são apontados alguns exemplos dos fatores de riscos, os quais, em sua natureza multifacetada, englobam indicadores de ordem comportamental, emocional, social, econômica, ambiental, cultural, tais como:

Experiência de privação; Negligência ou abuso na infância; Violência doméstica; Condição socioeconômica; Falta de acesso à educação de qualidade e à oportunidade; Problemas graves em pelo menos um dos cuidadores (alcoolismo, doença mental, ausência prolongada, desemprego...); Ser vítima de bullying; Isolamento ou problemas interpessoais graves; Transtornos mentais diagnosticáveis; Uso de drogas e álcool; Impulsividade; Hostilidade; Vivência de afetos intoleráveis (desespero, depressão, desamparo, abandono, humilhação, ódio, vergonha, inveja, entre outros)<sup>75</sup>.

A Travessia dos Afetos de discentes e docentes passa por esses momentos de “faltas”, de “violência”, de “afetos intoleráveis”, que denunciam as turbulências, que tanto podem sacudir para um deslocamento, como pode criar um afeto outro mais forte e alegre que as combata. Contudo, algumas vezes o adoecimento provoca uma parada na caminhada, em que transbordam as linhas depressivas, ansiosas e que costuram no corpo as somatizaÇÕES, que descolorem o desejo de existir. Há pontos do mapa então que denunciam que “o gesto suicida é a ação desesperada em afirmar uma existência, pela inscrição trágica de si na memória do outro.”<sup>76</sup> É preciso que uma busca, um laço afetivo, venha dar novo sentido a essas sensações, pois não é só o que lhe acontece, que potencializa a existência estudantil, mas o que ela faz (ou pode fazer) com o que lhe acontece. É também se abrir para o acontecimento. É também

74 TAVARES, (2013). *O Suicídio e os Desafios para a Psicologia*. Cap. IV.

75 TAVARES, (2013, p. 46-47). *O Suicídio e os Desafios para a Psicologia*. Cap. IV.

76 SAFRA, (2004, p. 33). *Po-ética da clínica contemporânea*.

agir. Cair para o alto de um vazio que singularize, amplie a força vital.<sup>77</sup> Sendo as subjetivações caleidoscópicas, referidas no Livro 1, produzidas no registro social, pois “não existe uma subjetividade do tipo ‘recipiente’ onde se colocariam coisas essencialmente exteriores, que seriam ‘interiorizadas’”<sup>78</sup>. No entrecruzamento entre o desejo e o vazio, há uma máquina desejanse que fabrica as formas de ser e estar no mundo, ainda que com suas infâncias, seus traumas, suas multiplicidades em chamas, vida em transformação. Com efeito, “as metamorfoses são os dias onde tudo se parece com violência: aqueles em que os golpes que infligimos a nós mesmos parecem mais duros que os que o mundo pode nos enviar”<sup>79</sup>. Assim, na Aula das Metamorfoses<sup>80</sup> há uma porta que está sempre aberta para a novidade, sempre aberta com perguntas, elas apagarão o azul da caneta sobre o quadro branco do tempo? O Professor fazia uma série de questões aos estudantes: *quais as tuas inquietações?; como vês a vida e como estão no momento?; o que buscas?; o que esperas da universidade?* Eis que Lis’Andando pela Biblioteca das leituras de uma verdade louca, percebe que algumas DORES faziam com que o desamparo e a vulnerabilidade dos alunos fossem vividos como afirmação de potência de vida. Questões abertas ao desejo que corre, que corta e deixa correr.<sup>81</sup> Lis’Ávida lê ali num papel timbrado pelo Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) que a saúde mental dos alunos escreve nas linhas dos tempos que perdem cabelos e olfato, um alarmante recrudescimento a partir da

---

77 SAFATLE, (2020). O circuito dos afetos; BIRMAN, (2017). Arquivos do mal-estar e da resistência.

78 GUATTARI; ROLNIK, (2013, p. 43). Micropolítica: cartografias do desejo.

79 COCCIA, (2020, p. 87). Metamorfoses.

80 Capítulo 5 do Livro 2 da trilogia desta Tese – Afetos.

81 DELEUZE, (2006). Capitalismo e esquizofrenia (com Félix Guattari) [1972]. In: A ilha deserta: e outros textos.

pandemia da Covid-19. No relatório de 2018<sup>82</sup> consta que 63,6% dos estudantes manifestam ansiedade e mais de 20% relatam pensamentos suicidas ou ideia de morte. Ela encontra entre os estudos de tal temática, mesmo anteriores ao período do Contágio, um forte chamado às *urgências subjetivas*. Elas insurgem no chão dos acontecimentos como um grito de socorro em um corredor que espelha o movimentos fractais de *subjetivações caleidoscópicas*, como um eco em que se repetiam os anseios estudantis que pedem acolhimento. Diz o psicanalista Safra em uma Clínica Po-ética que, “cada vez mais nos deparamos na clínica, com um tipo de problemática humana que nos coloca, como foco e urgência, o restabelecimento do *ethos*”<sup>83</sup>. As mazelas sofridas, as pressões acadêmicas, as vivências de assédios, a frágil relação com os outros, os pedidos de socorro, os riscos iminentes de morte dizem cada vez mais de um “cuida de mim”. Muitas vezes esse cuidado para enfrentar a nova vida e assumir outras responsabilidades não veio da família (ou não pode vir). Torna-se primordial proteger a vida e ampliar o olhar acerca da universidade como um espaço de formação que caminha também para a construção de si. Se “sofrer implica devir, em destinar o vivido”<sup>84</sup>, como ajudar um aluno perdido, esquecido de si e muitas vezes adoecido a encontrar sua “verdadeira destinação”? é preciso criar brechas nas práticas do cuidado para consigo mesmos e com os outros, tendo como horizonte a saúde inventiva, ou seja, não como uma receita PER SE, mas como uma direção para pensar as singularidades dessa caminhada como um começo, a cada vez, a cada encontro.

Para isso, é preciso criar espaços não apenas na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE)<sup>85</sup>, mas na interlocução com agentes

---

82 ANDIFES; FONAPRACE, (2018).

83 SAFRA, (2004, p. 80). Po-ética da clínica contemporânea.

84 SAFRA, (2004, p. 70). Po-ética da clínica contemporânea.

85 A PRAE (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis), em sua forma ainda de “Assistência”,

educacionais, junto às coordenações de cursos, face a ações interdisciplinares por meio de projetos coletivos continuados de ações psicossociais junto aos estudantes, que engajem docentes e técnicos. Borrando as representações marcadas pela reprodução, resistir e criar, fazendo emergir as singularidades que advêm das frestas da universidade. De tal modo que pequenas ações produzam seu espetáculo nesse cenário e assim ver o campo da transversalidade de afetos, questionando-se: “o mundo social como improvisado permanente, surpreendente e incomensurável, ou como um enredo definido pelas posições anteriormente ocupadas pelos atores, diretores, fotógrafos e cenaristas?”<sup>86</sup>. A circularidade das posições em que um docente pode participar de projetos voltados para a saúde do estudante, em que estudantes possam ensinar a outros, como por exemplo dos cursos da saúde e das filosofias e ciências sociais, contribuindo na constituição de si e do outro nessa renda bordada de afetos. Fazer uma mapa coletivo envolve uma delicada caminhada na trilha das *pérolas-estudantis*. Qual seja o papel do serviço de psicologia numa instituição educacional, ele foi sendo entendido menos

---

existe mesmo antes da criação da UFPel como universidade em 1968, em que seus serviços se faziam presentes em algumas unidades como as Faculdades de Odontologia, de Direito e de Agronomia e no então Colégio Agrícola Visconde Graça (hoje pertencente ao Instituto Federal Sul-riograndense), e, revela forte relação com o Movimento Estudantil. Entretanto, é depois do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades – Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007), que foi modificando e ampliando sua atuação frente à comunidade acadêmica, o que em 2012, a fez criar o Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente (NUPADI), com o objetivo de acompanhar alunos bolsistas em termos psicopedagógicos, haja vista que isso se tornara uma exigência do Ministério da Educação e Cultura (MEC). O NUPADI, inicialmente foi formado apenas por dois psicólogos e uma assistente social, e, atualmente, é composto por quatro psicólogas, um psiquiatra, duas pedagogas. Mas o Serviço de Psicologia, por assim dizer, existe desde 1985, segundo história oral do psicólogo já aposentado Ricardo Azevedo Silva. Ele menciona que, naquela época, o número total de alunos se aproxima do que hoje temos no total de bolsistas, em torno de 4 mil. A PRAE para gerir as diversas bolsas que auxiliam os estudantes em sua moradia, alimentação e outros, conta com recursos advindos do PNAES (Programa Nacional de Assistência Estudantil), adotado em 2007, justificado pelo reconhecimento da assistência estudantil ser uma “indispensável ferramenta no processo ensino-aprendizagem” (NASCIMENTO; ANTUNEZ, 2012, p. 44).

86 BRANDÃO, (2011, p. 156). A dialética micro/macro na sociologia da educação.

como uma função de “tratar” e de “curar” de sessões individuais, mais como um modo de cozer um coletivo sob efeito das forças que vêm do campo grupal. Lis’alinhava contornos paradoxais de uma ação grupal, pela linha de pensamento de Jean Oury: “colocar em prática sistemas coletivos e, ao mesmo tempo, preservar a dimensão da singularidade de cada um.”<sup>87</sup> Afastando-se, a cada passo, dos paradigmas positivistas, herdeiros do século XIX sobre as condutas, ou mesmo de uma Psicologia Social Crítica que intenta superar dicotomias e filosofias adaptacionistas<sup>88</sup>, é possível perceber que, a objetividade e a neutralidade de um conhecimento científico perdem espaço para práticas mais livres. Haja vista que a cultura e a ciência produzem efeitos de verdade nos modos de ser muitas vezes esquadrinhando subjetivações capitalísticas pela lógica de uma sociedade de controle, que tanto podem restringir como vestir uma face de produtividade autocentrada, em que “as técnicas de si, tal como apresentadas por Foucault, não podem ser dissociadas do cuidado de si e podem ser compreendidas como conjunto de tecnologias e experiências que participam do processo de (auto)constituição e transformação do sujeito”<sup>89</sup> As técnicas contemporâneas dos saberes psicológicos são, desde a modernidade, ainda um tanto individualizadas, isentando-se, de algum modo, do laço social que o cuidado de si articula em seu *ethos*.

Contudo, a presença do outro não se dá por dominação, mas sim, pelo fato de o sujeito ser socialmente construído, em que o poder não é a força de subjugação de um ser superior, mas é o caráter relacional da vida como obra a fazer, de um poder-saber-si mesmo. Essa é ética foucaultiana pensada sobre os modos de viver

---

87 OURY, (2009, p. 19). O Coletivo.

88 HÜNING; GUARESCHI, (2014). Efeito Foucault: desacomodar a psicologia.

89 NARDI; SILVA, (2014, p. 148). Ética e Subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos.

na construção de um certo grau de liberdade, ainda que com “alternância de posicionamento nos jogos de poder e verdade”<sup>90</sup>. O caráter dinâmico e processual dessa prática reflexiva de liberdade, em sua dimensão intersubjetiva, conceitua a estética existencial como um caminhar pelos des.territórios de um exercício da sensibilidade capaz de composição com o mundo. É poder desenvolver um *ethos* de cuidado com as subjetivações cansadas demais para pensarem em si, é saber que há espaços coletivos de enunciação e agenciamentos para que do amplo vazio no coração dos estudantes em suas subjetivações desérticas, sejam construídas por meio de alianças.

Lis’Aliança o devir nos mapas afetivos, pois ele desenha linhas de vida, - ainda que endureçam, pois, logo ali, quando uma docência-criança dá um abraço [*estou ciente que não é obrigação dos docentes da federal*], quando um colega oferece apoio, quando a dureza é capaz de instigar uma mudança -, podem se tornar mais sensíveis. Li’Anacrônica escuta aquela voz lá dos trajetos na vida estudantil: — *cabere salientar também a importância dos meus colegas nesse processo pois as suas trajetórias e vivências que me fizeram perceber que não era o único a enfrentar o que estava passando e ver que não havia nada de errado em ser como sou.* Encontros, diria Spinoza, que permitem tornar-se quem se é, diria Nietzsche. No corredor espelhado do Castelo há uma sensibilidade a ser transfigurada que supera um ideal de EU e testemunha a constituição de si. A vida é esculpida em imagens que estão além do ser, ao mesmo tempo que estão na carne viva da experiência, compondo um campo de “medialidade”, que é um território do sensível, não nitidamente mapeável, mas cartografa afetos capazes de criar mundo. A cartografia assume seus limites e potências da vida na universidade e de um pedaço ínfimo extrai uma multiplicidade que formam

---

90 NARDI; SILVA, (2014, p. 143). Ética e Subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos.

placas tectônicas no pensamento de Lis'Andarilha, onde comparece a coexistência do “e”. E alunos que se formam, e alunos que evadem, e alunos da dissertação, e o que dizem os intercessores, e o que dizem os artigos, e professores que se preocupam, e professores que sentem que não sabem como lidar com as diferenças dos alunos, e a instituição, e a psicóloga, e a PRAE, e o que pensar de tudo isso, e os poetas, e a música, e...

Um coletivo como forma de tratar, como dispositivo para fazer a palavra circular. Um outro modo de fazer clínica em que pese mais uma função que uma estrutura ao “fazer funcionar as estruturas institucionais em uma dimensão psicoterápica”<sup>91</sup>, tal como uma escuta de atenção flutuante nos diversos espaços da universidade como com professores de um dado curso quando há necessidade de pensar junto o modo de agir do aluno e para com o aluno, ou como quando os alunos podem ter oportunidades de partilhar acolhimentos coletivos. A noção de coletivo, portanto, articula à subjacência, a emergência de vida. A universidade, vestindo o uniforme do Estado, o qual precisa conter os fluxos desejantes para que não se perca a lógica de mercado, ainda que existam nuances educacionais, - é, por assim dizer, pautada em números de matrículas, controles de evasões, reprovações, retenções, reopções; resultados numéricos e econômicos, e isso, não raras vezes, parece abrir pouco espaço para a vida que não se mede. A isso urge fazer do discurso universitário, um *setting* nômade. Uma “psicologia” que transite por colegiados, cursos de graduação e pós-graduação, grupos, acolhimentos, para além de um consultório dos sentidos, uma caixa de ressonância que musicalizem diálogos, trocas, criações coletivas, em que “todo passo articulado no domínio do conhecimento é uma consequência direta

---

91 OURY, (2009, p. 93). O Coletivo.

da coragem”<sup>92</sup>.

Medos e coragens. O “verdadeiro escultor da vida social”<sup>93</sup>, numa inspiração freudiana, nos diz Vladimir Safatle, é o afeto do desamparo, o qual produz corpos em errância. Mas a errância abre fendas para pensar outras formas de vida, em que a contingência pode se transformar em um elemento de criação, em que a saúde é um estado de equilíbrio dinâmico instável. Entre a necessidade como afirmação da vida tal como ela se manifesta em nós e o cuidado para com o que há de contingente no mundo acadêmico, há condições de possibilidade de caminhar diferentes dimensões próprias de uma existência. As urgências subjetivas buscariam alguma verdade?, pois “só procuramos a verdade no tempo, coagidos e forçados”<sup>94</sup>. Entre as linhas de uma demanda institucional em atender as urgências subjetivas dos estudantes, entre as linhas de uma docência disposta ao aprendizado afetivo que enseja conhecer seu alunado em mutação, entre as linhas estudantis que emurchecem e florescem constantemente, há uma ética, a ética do cuidado de si.

### **3.1 O cuidado é uma ética**

A ética do cuidado incide olhar para a singularidade do aluno e não para o mal que coaduna-se ao seu corpo. Uma repetição necessária para pensar formas outras de fazer da prática clínica na ambiência educacional uma prática do si em proliferação, que se agite pelas salas de aula, pelos corredores espelhados, bibliotecas, ruas da cidade. Pontos nodais da instituição, nos quais o desejo faz bifurcação: o caminho das paixões que se encontra com uma impotência sob o jugo de conhecimentos mutilados e o caminho das ações

---

92 NIETZSCHE, (2016, p. 19). *Ecce Homo*.

93 SAFATLE, (2020, p. 42). *O circuito dos afetos*.

94 DELEUZE, (2010, p. 91). *Proust e os signos*.

que se encontram com ideias adequadas que confluem com nossa natureza, o mais elevado conhecimento<sup>95</sup>. Conhecimento este que não diz do que armazena como memória, mas do que é capaz em devir, em que “o cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência”<sup>96</sup>. Ainda que o estoicismo na figura de Sêneca advenha preceitos como a tranquilidade da alma,<sup>97</sup> não é pela passividade e sedentarismo, pois articula um exercício contínuo de si sobre si, e nas suas relações com o mundo.



Na montanha dos usos e costumes da universidade, existem caminhos ainda não es\_\_\_\_\_passados. Pelos princípios da cartografia e decalcomania em que há um eixo genético do qual as infinitas variações insistem, persistem, e quem sabe poderão produzir ou ter produzido algo diferente. A cartografia como um método, ainda que desenhe uma estrutura sobre-codificada de um decalque e ainda que de calcar sedimento alguns dos passos que se emprega na vida universitária, é preciso abrir espaço para que o mapa afetivo dos agentes em educação, circule nos encontros dessa ambiência, pois “se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real”<sup>98</sup>. Afinal, “não é próprio do mapa ser decalcado? Não é próprio de um rizoma cruzar as raízes, confundir-se às vezes com elas?”<sup>99</sup>. O decalque portanto

95 SPINOZA, (2020). ÉTICA. [Parte IV, apêndice 2].

96 FOUCAULT, (2010, p. 9). A Hermenêutica do Sujeito.

97 SÊNECA, (2010). Da tranquilidade da alma; Da vida retirada; Da felicidade.

98 DELEUZE; GUATTARI, (2011, p. 30). Mil platôs, vol. 1.

99 DELEUZE; GUATTARI, (2011, p. 31). Mil platôs, vol. 1.

difere do mapa, não o produz, mas enquanto método, possibilita a estabilização de uma imagem em que pode reproduzir na passagem ao mapa, “os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou estruturação”<sup>100</sup>. À cartografia da vida na universidade não intenta percorrer os mapas familiares dos estudantes, ainda que suas subjetivações sejam uma composição daquilo que já trazem em suas bagagens<sup>101</sup> com o encontro de elementos heterogêneos do ensino superior, - mas caminha por agruras do cotidiano que decalcam suas manias, fobias, repetições, ressentimentos e solidões, bem como pode fazer de tudo isso uma pérola em sua travessia. “O encontro do cuidado ético que permite o surgir do si mesmo é reconhecido como experiência de qualidade estética”<sup>102</sup>. Assim, conhecer o si mesmo com o qual se deva ocupar, numa posição dinâmica, de apelo recíproco entre cuidar e conhecer. Uma vez que “para ocupar-se consigo, é preciso conhecer-se a si mesmo”<sup>103</sup>. O si mesmo que se encontra, ao mesmo tempo, no outro. Para saber de seus percursos, disciplinas, presenças, notas, bolsas - o aluno -, precisa estar na universidade, e a universidade sobrevive, na medida em que este aluno a habita.

### **3.2 O cuidado como presença**

Lis’fAminta devorando paradoxos em meio à vida acadêmica, observa labaredas afetivas do Cuidado de Si. Ora, ele parece cuidado quando aciona o outro que lhe fazia seguir a caminhada por meio do acolhimento tantas vezes solicitado e intensamente evidenciado no *corpo-arquivo-sensível* da pesquisa. Não há dúvida de que tal gesto que pode atravessar tantos outros gestos, torna-se fundamental para que

---

100 DELEUZE; GUATTARI, (2011, p. 32). Mil platôs, vol. 1.

101 Ver Cartografia Bagagem do Livro 1 desta trilogia – dos Trajetos, (p. 75).

102 SAFRA, (2004, p. 27). Po-ética da clínica contemporânea.

103 FOUCAULT, (2010, p. 66). A Hermenêutica do Sujeito.

o estudante enfrente sua nova vida com mais vigor. Há colhimento de gestos outros que se ramificam rizomaticamente com uma simples presença. Ora, ele parece esquecido de si, quando estudantes manifestam suas linhas de vida esgaçadas pelo cansaço, presas no tempo e capturadas pelo desejo do outro. Uma dobra subjetiva que se liga à *subjetivação* ritornelo da Docência-criança, quando ela diz: — *desejei na graduação ser extensionista, depois desejei ser pesquisadora e fazer parte de um curso de pós graduação como professora efetiva da ufpe, quis ser orientadora de muitos alunos na graduação, fiz tudo isso mas não priorizei a mim. Não me arrependo e fico exultante ao ver um antigo aluno bom profissional ou uma pessoa do bem.*



A beatitude, que segundo Spinoza, é “uma satisfação do ânimo que provém do conhecimento intuitivo”<sup>104</sup>, é entendida como o mais alto conhecimento. Dessa forma, se não nos conhecemos, não nos ocupamos com o corpo que somos, no potencial que temos de afetar e sermos afetados por uma presença, numa rede de relações, uma vez que, “é sempre por rizoma que o desejo se move e produz”<sup>105</sup>. A travessia, portanto, faz com que corpos educacionais estejam em composição e decomposição com outros corpos em um espaço que é direito e é avesso em uma superfície que se dobra. É dentro e fora, ao mesmo tempo, em um duplo movimento. O duplo é o processo de subjetivação que se constitui tanto no movimento que se dobra para fora, no qual costuramos as pregas do Outro em nós, onde deixamos nossas pregas no Outro; quanto no movimento pra dentro, que nada tem a ver com uma interioridade, mas sim com uma relação com o si mesmo que se modifica. Esse pensamento do

104 SPINOZA, (2020, p. 205). [Parte IV, apêndice, capítulo 4].

105 DELEUZE; GUATTARI, (2011, p. 32). *Mil platôs*, vol. 1.

fora em constante relação consigo que comparece no cuidado de si foucaultiano e, que Deleuze<sup>106</sup> a isso articula, as quatro dobras: o corpo, as relações de força, o saber e o Fora; - as quais são presentes na subjetividade, ou seja, nas relações consigo e com o outro que podem ser mais livres na medida em que experimentamos brechas para o ato de pensar. Seria um trajeto para sair das coisas e corpos que exercem dominação sobre nós.

Nessa caminhada *möebius*, “a experiência de si torna-se totalmente paradoxal (...); a oposição entre eu e mundo, que a vigília parece evidenciar, desaparece: o eu descobre que seus limites são os mesmos do mundo, e todo o mundo está agora contido no eu e é recriado por ele”<sup>107</sup>. Assim, Lis’Andarilha pelo “Caminhando” do Diário da artista Lygia Clark [1963], em que Pandora havia feito tal experimento<sup>108</sup> com o grupo de estudantes na ocasião de sua Dissertação. A fita ao ser cortada, nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo, em que a obra é seu ato. Com referência a essa obra, Suely Rolnik nos fala da micropolítica de um corte na superfície relacional que podemos fazer com um mundo em que as ações do desejo caminham pela “subjetividade que consegue sustentar-se na tensão entre as forças que delas emanam, as quais desencadeiam os dois movimentos paradoxais que constituem o inconsciente pulsional”<sup>109</sup>. Isso para dizer de um estudante que em sua experiência acadêmica pode fazer rasgos no chão da universidade pela qual pisa, rasgos que, simultaneamente, se movimentam para tolerar as turbulências das exigências e formar novos diagramas

---

106 DELEUZE, (2013). Foucault.

107 COCCIA, (2010, p. 60). A Vida Sensível.

108 Em sua Dissertação, a pesquisadora propõe, na “oficina Desejo”, a um grupo de alunos traçar um corte contínuo na fita de *möebius* que eles próprios confeccionaram, realizando uma experimentação desse espaço contínuo, bifurcado, rizomático, que é do campo do desejo (OSORIO, 2016, p. 119-120).

109 ROLNIK, (2018, p. 60). Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetina.

relacionais para uma vida singular.

Um caminhar menos pelo desejo-falta, mais pelo desejo-presença. A medicina da presença é a medida sem receita de uma suavidade em frascos de confiança no presente. A prescrição dispensa manipulação, ela manuseia artesanalmente as doses, singulares a cada vez, de uma entrega íntegra das partes esquecidas de nós. Insônias há verão de acordar as mágoas já vencidas! Uma saúde sorvida em forma líquida de longa duração pela via da conexão com as emoções. Não há contra-indicação para pequenas presenças em forma concentrada de ATENÇÃO. Os efeitos colaterais quando a presença se torna muito forte pela ausência deixada, adormecem os sentidos e encapsulam a necessidade das coisas externas em dependências, vazios, saudade. Há os alunos que fogem de casa, e há os que sentem saudade. As soluções orais de presença digerem uma amorosidade que toca o céu da boca pela fala. Telefonemas para a família, e-mails pedindo ajuda à PRAE. Remédio-palavra. Alguns silêncios são presença da mais doce abertura, respeito de espaço. Alguns gestos carregam a ternura do abraço, aproximação de corpo-alma. Presença transLÚCIDA que se faz perto mesmo longe. Um olhar. Uma voz. Conseguimos ouvir o som que brota da nossa respiração quando a distância dos sonhos encurta-se em SIM tônicas esperas? Sim, também há as urgentes esperas que nada esperam. Aquela vibração que desafina a ópera ação de alterar idade. A fórmula composta da presença do outro faz o mundo de dentro se alargar em convexas desaFIOS de mais ingerir afetos compartilhados. Efervescência de uma sensibilidade que não se dilui, fica. O tempo que se demora é aquele de se deixar afetar pelo olho do outro, sobretudo pelo olhar de si para si. Delicadeza que permanece em nosso corpo ainda que se caminhe em outras direções, deixa ir. Estar presente diante do outro é acolhe-lo. Um ato de mediação que

cria um encontro inefável. São as aulas, são os acolhimentos em saúde, são os grupos e encontros que presentificam uma universidade de afetos. Presença que não se anuncia, se sente presente. Sentir-se presente diante do próprio encontro do outro consigo. Em casos de superdosagem por alienação o efeito rebote é negar as importâncias, há proCURA: uma simplicidade. Presença que metaboliza solidão e excreta do toque: o medo; da escrita: o mover de um tempo outro em nós. Atravessar. Ondas e ondas de vida aumentando e diminuindo quebrando e levantando, serenando e agitando, o crepitar do coração. Uma dolorida presença do pensamento, dos passos que damos em meio à chuva desértica que abisma o desejo de um saber que se sabe no momento da presença generosa de sermos quem somos. Criado mudo cala mas não consente o livro da vida como a salvação do mundo. Há nos castelos dos saberes esquecidos, saberes a serem inventados. A sabedoria não estaria em ignorar a existência, tampouco busca-la, mas sim vivê-la. Não é uma sabedoria mas um amor à sabedoria. Haveria uma forma específica de apreensão da presença vinculada aos afetos, conforme sublinhes freudianos no “saber dos poetas”<sup>110</sup>, apreensão esta inconsciente e partícipe dos processos de constituição da subjetividade.

Uma certa intensificação da presença para si, que não é um desdobramento interior, mas uma radical imanência, em que “conhecer-se não é se dividir e fazer de si um objeto separado que seria preciso descrever e estudar, mas permanecer totalmente presente a si mesmo e estar completamente atento às suas próprias capacidades”<sup>111</sup>. Sem, contudo, renunciar aos outros, estabelece uma certa distância na constituição de uma ação. “Não se cuida de si para esca-

---

110 PLASTINO, (2006). O quinto rombo: a psicanálise.

111 GRÓS, (2008, p. 131). O Cuidado de si em Michel Foucault.

par do mundo, mas para agir como se deve”<sup>112</sup>. Apesar dos pesos e deveres, olhar para o que pode afirmar uma vida na transversalidade das relações, esse é o *ethos* de uma clínica no campo da educação.

---

112 GRÓS, (2008, p. 131). O Cuidado de si em Michel Foucault.



4 *ethos* da  
clínica,  
pérolas em  
composição



As repetições a percorrer o desejo, o qual para ser conhecido, é preciso que o si mesmo seja cuidado. Assim, há *fora divã*.neios nesta pesquisa, os afetos estatelados no divã das horas velozes do Castelo dos Saberes precisam ser ouvidos. As palavras ganham essa dimensão de um duplo, o falar e o ouvir, o escrever e o ser lido. Lis'Arregala o olhar desde um campo de visibilidades e vulnerabilidades, desde um corredor espelhado, para não esquecer de olhar para o cuidado de si. Cuidar de si aciona conhecer o próprio desejo. O desejo pode ser uma força que se produz, mas pode também manifestar o que dele pulula por uma demanda externa, afinal, “é totalmente impossível que não precisemos de nada que nos seja exterior para conservar o nosso ser, e que vivamos de maneira que não tenhamos nenhuma troca com as coisas que estão fora de nós”<sup>113</sup>. Para Spinoza as causas exteriores como possibilidade de satisfação do desejo é tudo que é diferente do indivíduo. Porém, exterior e interior atuam em convergência. Objeto presente na mente e impresso no corpo, e não fora, é a afirmação do desejo. Paixões alegres, mesmo que oscilantes e exteriores, podem dar condições reais de satisfação do desejo. Uma vez que, o que pede passagem por todos os cantos do Castelo, é o Desejo, é possível perceber que novos valores da dinâmica institucional que dialogam com a cultura, a história, a economia, requisitam ações advindas de uma trama mais sensível como uma bricolagem. *Bricoleur* de origem francesa de Lévi-Strauss, parece ser um modo de fazer dialogar os heterogêneos do corpo-arquivo da pesquisa e as concepções teóricas elegidas, em suas potências e também em suas limitações. “A colagem é, literalmente, uma arte dos limites, uma arte do que acontece quando duas coisas se confrontam, ou uma extravasa em cima da outra, quais conversas surgem da conjunção das diferenças, e

---

113 SPINOZA, (2020, p. 169). ÉTICA. [Parte IV, propor 18].

como as diferenças podem alimentar um novo todo”<sup>114</sup>. Uma clínica caminhante é uma clínica que fura a bolha do consultório psicológico e da universidade. Uma clínica que flana nos jardins dos mistérios humanos dos encontros que ultrapassam paredes e se movem pelo chão do desejo. Dispõe de um espírito livre para tornar a rua seu divã. Caminhando, olhando o dentro que está fora, passos, vozes e silêncios compartilhados em um plano comum<sup>115</sup>. Se a espiral da saúde na universidade ganha seus movimentos crescentes da manifestação das dores humanas, a imagem de *uma Clínica Möebius*, como um espaço sem avesso ou direito, sem delimitação dentro e fora, quer dizer sobre *algo que avance das salas de aula* para alcançar o próprio ritmo ritornelo em um traço delicado e veloz da cidade diante da expectativa do mais acelerar os afazeres. Quando se caminha, é aquele instante fecundo consigo que desnuda o mundo das engenharias culturais, em que “a travessia a pé parece facilitar a travessia do tempo: a mente vagueia de planos para lembranças, e daí para observações”<sup>116</sup>. Assim, depois das repetições do tempo, alcançar o próprio ritmo é transvalorar o que parecia tão certo a ser feito e se desfaz com a pisada liberta do que faz excesso no pulso, ainda que a intensidade cardíaca dos sonhos seja um desejo de mais movimento com o corpo que se escreve. “O corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro”<sup>117</sup>. Há *fora* os significantes de algo que escreve na pele e da fala que transborda do mundo interior, há um Fora que caminha dentro como amálgama

---

114 SOLNIT, (2021, p. 166). Recordações da minha inexistência.

115 Não se trata de comum no sentido de homogêneo e identitário, mas como “como foco de resistência em relação à captura pelas diferentes lógicas homogeneizantes e totalizantes”, (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 264). Os autores escrevem que cartografar é traçar um PLANO COMUM, sendo sua diretriz metodológica a transversalidade, ao exame dos procedimentos de participação, inclusão, tradução.

116 SOLNIT, (2016, p. 23). A história do caminhar.

117 FOUCAULT, (2013, p. 12). O corpo utópico; As heterotopias.

de um sentimento de tecer a vida como uma obra em constante construção e ruínas de uma psicóloga. Movimentos peregrinos que se dobram e flanam na profundidade da superfície. — É isso nossa subjetiva Ação? Pergunta-se. Estamos constantemente atravessados, flechados, vincados por circunstâncias, e mais ainda, pela perspectiva com a qual as enxergamos. Ora fora, ora dentro, não há limite fixo, há sempre um dentro da reconstituição de si. Nosso corpo é o que acolhe, escava e resiste às forças do Fora, por meio do pensamento, cujo forro é o dentro, produzindo assim um duplo, que ao fazer aliança com o que torna o viver mais interessante, rompe com o domínio dos dogmas que nos aprisionam e faz laço com o devir, afinal, “o ser humano em seu devir é contínua criação de sentidos”<sup>118</sup> Uma fita de nossa existência tatua em nossos corações a ARTE de experimentar em ATO algo que está sempre se fazendo na inscrição do próprio corpo em meio à VIDA, em liberdade.

#### 4.1 Cuidado como prática de liberdade

— *Uma coisa é certa, quanto mais respeito e consciência com relação ao meio a nossa volta, mais liberdade é possível, mas no momento que isso não existe, surgem regras e imposições para coibir injustiças promovidas pelo mau uso da liberdade.* Quando em ritornelo, na voz do Discente Mutante, *uma política sensível do cuidado de si [e do outro] no contexto universitário caminha em direção não apenas a uma estética da existência em [auto] transformação, mas sobretudo a uma ética que recrie as artes de viver, onde é possível buscar no autoconhecimento, ter amor próprio, encontrar práticas de si (Idem).* O corpo-estudantil submerso no cenário político-educacional, regido por discursos neoliberais que o subjetivam, atravessa em seu percurso formativo um circuito de

---

118 SAFRA, (2004, p. 84). Po-ética da clínica contemporânea.

afetos que o fazem agir de modo que o aproxime, o distancie, em movimentos ritornelos, em direção à Saúde Inventiva. Problematicar a saúde mental estudantil é aqui redimensionar o mental para o corporal. Não o corpo orgânico e organizado propriamente, mas o corpo enquanto superfície de forças, máquina desejante de sentidos. O corpo que, já foi escravizado, excomungado, espalmado, arrebanhado, disciplinado, docilizado, controlado, subjetivado, - é capaz da estética do caminhar pelas calçadas da Liberdade, calçadas que constituem rizomas com as ruas éticas e as ruas políticas, pois as “questões éticas atravessam e estão atravessadas pelas questões políticas, não podendo ser dissociadas”<sup>119</sup>.

Nessas ruas, ao percorrer por trajetos que estreitam os caminhos dos alunos, seja por adoecimento que os afasta dos bancos acadêmicos, seja por dificuldades que por vezes têm para saberem de seus próprios Desejos e agir em consonância com eles -, Lis’Alma percebe suas vontades de potência diminuídas, o que talvez os estudos tenham chamado de depressão. A vontade, em Michel Foucault, tem a ver com uma decisão, uma ruptura, por meio do exercício de uma avaliação, como nos mostra Peter Pál Pelbart em *Ensaio do Assombro*<sup>120</sup>. E essa vontade, Lis’Analisa que também não se ligaria a um livre-arbítrio, o que dialogaria com Spinoza e Nietzsche, os quais o negavam<sup>121</sup>, uma vez que não é uma vontade livre advinda de uma consciência, pois a própria noção de consciência já estaria carregada de influências externas, isto é, não estaria

---

119 GALLO, (2021, p. 372). Do cuidado de si como resistência à biopolítica.

120 PELBART, (2019). *Ensaio do Assombro*.

121 A pesquisadora em sua caminhada encontra dois livros que articulam os pensamentos de Spinoza e Nietzsche: “O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche”, organizado por MARTINS, (2009) e “As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche”, organizado por MARTINS; SANTIAGO; OLIVA, (2011). É possível verificar que eles têm cinco pontos de aproximação, em que ambos negam: o livre-arbítrio; a teologia; ordem moral do mundo; o desinteresse; o mal.

eminentemente livre de alguma moral, crença, ideal, expectativa. A vontade da verdade que o cuidado de si pode se aproximar, cartografa um certo risco que se corre para que experimentemos outros modos de vida, pois é da experiência que saímos transformados, não pelo que somos, mas como somos o que somos, ou seja, o jeito pelo qual nos relacionamos e agimos, afinal, “se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer”<sup>122</sup>. Assim, seria possível sair da apatia estudantil da qual falam as Docências, ou mesmo perceber o quanto o estudante Pássaro Azul vai se tornando cada vez mais próximo de sua natureza livre, de asas que querem sair da bolha, bem como o Menino, que assume sua sexualidade com a coragem da [sua] verdade, a qual se fez necessária para ensejar fissuras nos moldes heteronormativos que assolam o chão da universidade. A máquina educacional e suas engrenagens desenhadas pelos participantes da pesquisa, aponta para o paradoxal sistema revolucionário que a contém, pois, ao mesmo tempo que se movimenta nos ventos capitalistas de dominação dos corpos que precisam serem produtivos à favor do Estado, também pode engendrar uma força coletiva de revolução que venha rachar as paredes dos fascismos, racismos, sexismos, os quais se infiltram sem parar pelos cantos da Instituição. Isso porque, ainda que suas roldanas queiram que as exclusões sejam imperceptíveis -, afinal as políticas inclusivas estão aí para mostrar o contrário, - ela ainda acolhe modos que imputam violências no ambiente acadêmico, algumas mais veladas, outras menos. Quando

---

122 Michel Foucault, entrevistado por Rabinow e Dreyfus [1983], fala sobre a genealogia da ética, e diz que não busca nos gregos uma alternativa para dar soluções, busca uma problematização operando a compreensão da época em que eles viveram, e isso pode ser perigoso, mas não necessariamente ruim. Trata-se antes, de uma escolha ético-política que podemos fazer a cada dia. Na esteira de seu argumento menciona, por exemplo, que na Itália, fecharam os hospitais psiquiátricos, mas abriram-se novas clínicas particulares, querendo demonstrar, que novos problemas [ou perigos] insurgem diante de uma aparente “solução”. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 256.

movimentos estudantis acontecem desde que a universidade existe<sup>123</sup>; quando os devires minoritários se expandem cada vez mais, dando visibilidade para a diferença que faz relevo nas salas de aulas, podemos perceber que os alunos, sim, são capazes de coragem de verdade, e de tornarem aquilo que são, nem que precisem esmurrar as portas do preconceito. Ainda que, em parte, isso caminhe para o cuidado de si como prática de liberdade na medida em que há força de resistência aos poderes que dominam seus espíritos, também podem caminhar para modos de subjetivações que, em alguns momentos, se *desertam*<sup>124</sup> e mergulham no vazio das representações [e não no vazio que abre espaço para a criação]; em outros momentos, se *distraem*<sup>125</sup> daquilo que, de algum modo, lhes tornariam mais fortes, como a sua composição com a formação acadêmica [e não a distração que lhes permitem saírem e voltarem mais oxigenadas, pois correm o risco de não voltarem].

Na tentativa de problematizar o adoecimento psíquico estudantil em seus impactos sobre o desempenho e a permanência dos estudantes na universidade, Lis'Arquiteta o cuidado de si de duas formas em um möebius espaço topográfico:

**1. espaços de aprendizado:** trocas, grupos de estudos e de leituras, intervenções<sup>126</sup>, relacionados ao conhecimento dos afetos e às práticas de si, pelos quais seja possível criar condições de potencialização da vida na universidade;

---

123 No livro sobre a história da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (NASCIMENTO; ANTUNEZ, 2012).

124 Ver Subjetivação Desértica no Livro 1 dos Trajetos, p. 151-155.

125 Ver Subjetivação Distraída no Livro 1 dos Trajetos, p. 161-164.

126 Espaços que a própria PRAE possa fomentar como em grupos com alunos em geral, ou mesmo como forma de cursos de extensão e estágios.

**2. espaços de diálogos:** podcasts, entrevistas, pesquisas, rede social interativa, aulas, rodas de conversas, trilhas de [nossas] loucuras de cada dia, - as quais, fomentadas por um Projeto criARTE<sup>127</sup>, possam articular, entre diferentes áreas, o conhecimento sobre o que vem a ser o cuidado de si como resistência ao que delimita o corpo em um modelo, sob formas livres de expressão verbal, escrita, visual, artística -, em que alunos e professores possam estar engajados.

Esses espaços corresponderiam à Clínica *Möebius* que transita desde grupos terapêuticos até formas outras de expressão e conhecimento. Assim, a perspectiva de conhecer os afetos, por exemplo, não para controlá-los ou modular o próprio indivíduo em pedagogizações ideais, mas para compreendê-los. *Conatus* na superfície da vontade de potência que permite ao agente educacional, não apenas ao aluno, esculpir a vida naquilo que pode ocupar-se consigo, com seu corpo e sua alma em correspondência. É quando Spinoza, Nietzsche e Foucault caminham de alguma forma em direção à intuição, ao espírito livre e à resistência, para se distanciar das formas de dominação.

São, pois, nas relações interindividuais que as artes de viver são vivenciadas como um modo de elaborar um saber e aprimoradas como prática social. E, ainda, “resistir é tornar-se estrangeiro, estranho na própria cultura, é devir-menor, tornar-se nômade, exilado, errante”<sup>128</sup>. Ficar diante de si por meio de um conjunto de ocupa-

127 Projeto a ser criado a partir desta Tese, em parceria com alguns cursos da universidade, como: artes, psicologia, filosofia, jornalismo, teatro, etc.

128 LEVY, (2011, p. 137). A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.

ções que demandam a reserva de um tempo e a implicação com um labor, constitui um espaço para exprimir-se no vazio povoado de exercícios e diálogos constantes com o si mesmo, o outro e o mundo.

## **4.2 Fios da psicanálise na politicidade do cuidado**

A psicanálise visa uma modificação que “vai além da supressão dos sintomas, inclusive aceitar sua persistência”<sup>129</sup>. As transformações que vêm ocorrendo no ensino superior modificam, desse modo, os próprios sintomas, não mais de um estudante que sofre por conflitos pessoais apenas, mas por todo um transbordamento de demandas sociais e econômicas, sobretudo com o advento pandêmico vivido nos últimos anos. Haveria um saber psicanalítico considerado subversivo, o qual foi se aprisionando nas próprias normas de condutas a que submete o sujeito, enveredando-se ao discurso científico que compactua ao sistema capitalista das relações. As cartografias do desejo em Suely Rolnik e Félix Guattari caminham a uma micropolítica e, por isso, dizem que: “o importante não é que os psicanalistas façam uma ruptura com sua concepção de prática, mas sim com sua concepção de neutralidade, com sua concepção de relação com o outro, quando, na verdade, o outro é alguém que lhes traz algo que é da ordem de uma certa problemática contextualizada”<sup>130</sup>. Nessa direção, o analista que se cala e passa mais por oráculo ou padre que um agente de mudança, faz a psicanálise de algum modo aproximar-se daquele cuidado de si platônico nesse estudo se quer distanciar. Acionar a psicanálise aqui, é mais aproximá-la de uma psicoterapia de grupo, ainda que com algumas fronteiras movediças, como menciona Rudimila Zygouris: “uma psicanálise é

---

129 ZYGOURIS, (2011, p. 5). Psicanálise e Psicoterapia.

130 GUATTARI; ROLNIK, (2013, p. 243). Micropolítica: cartografias do desejo.

necessariamente também uma psicoterapia”<sup>131</sup>.

Nem reduzir os alunos aos fantasmas de que a universidade quer comer sua carne e roubar sua alma; nem reduzir à reparação de traumas da realidade vivida [assédios, racismos, desamparos], - mas criar espaços sempre renovados de acolhimento, pois “aquilo que [supostamente] cura é, antes de tudo, a relação, ou seja, o vínculo, a partir do qual é possível pensar”<sup>132</sup>. A saúde inventiva é, nesse lugar de diálogo com a educação, esse esforço de perseverar, não no sentido estrito de permanência institucional, mas de impermanências também das subjetivações que transversalizam com o conhecimento que são capazes de tecer sobre si mesmos, com o outro e com o mundo. Dentro-fora da universidade – möebius de uma Clínica. Afinal, “de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?”<sup>133</sup> Numa travessia como essa, na universidade, em que “a chave para sobreviver é saber que se encontra perdido”<sup>134</sup>, a arte estaria em borrar o mapa da Razão, acionar uma espécie de razão do corpo que caminha, e desenhar com seus limites, *uma cartografia que dimensiona mais o processo de um fazer, que os resultados de um saber*. As cartografias da vida na universidade, portanto, sob suas próprias ruínas, constrói agenciamentos que dilatam o mapa. Tal como nos faz pensar Jorge Luís Borges na parábola “Del rigor de la ciência”<sup>135</sup>, em que o conhecimento científico é um tipo de conhecimento, mas existem outros, que não cabem nas escalas, nem podem ser determinados por pontos cardeais.

---

131 ZYGOURIS, (2011, p. 18). Psicanálise e Psicoterapia.

132 ZYGOURIS, (2011, p. 25). Radmila. Psicanálise e Psicoterapia.

133 FOUCAULT, (2008, p. 13). História da sexualidade vol. 2: o uso dos prazeres.

134 SOLNIT, (2022, p. 15). Uma guia sobre el arte de perderse.

135 BORGES, Jorge Luis. Del rigor de la ciencia. A pesquisadora escutou junto aos professores em um dos encontros. Disponível em: <https://spotify.link/e9rj4Hxc8Db>.

Nessa direção, são brotos que se instauram como uma *clínica* por vir. Por isso, mais insiste na intensidade de um olhar que na amplificação das vozes. Nas coisas que aparentemente divergem, é possível encontrar composições. “Freud teria dito que Nietzsche foi o primeiro psicanalista em uma de suas últimas entrevistas feitas por George Sylvester Viereck, em 1930”<sup>136</sup>, ao se referir ao campo das pulsões. Aquilo que na teoria freudiana encontramos como pulsões de vida e de morte, no pensamento nietzschiano vislumbramos as vontades de potências. Foucault, por sua vez, afirma que “Lacan foi o único depois de Freud a querer recentralizar a questão da psicanálise na questão das relações entre sujeito e verdade”<sup>137</sup>, possivelmente para problematizar um “eu” fechado em si mesmo e dotado de algum tipo de determinismo psíquico como talvez quisesse a psicanálise freudiana nos seus primórdios. Nas sendas do pensamento de Nikolas Rose, “a morte do sujeito veio sendo arquitetada por questões históricas e correntes de pensamento que estabelecem o descentramento, o nomadismo e a multiplicidade das identidades”<sup>138</sup>.

Isso tudo poderia nos levar a pensar, portanto, que é mister olhar para práticas que regulam e governam alunos e professores quando estão interpelados por motivações que os lançam na busca de uma auto-realização regida pelas rostidades de desempenho e pelas ilusões de um eu mais verdadeiro ou de sucesso, as quais podem os levar a fazer “sacrifícios” que os colocam numa zona nefasta. Tendo em vista que o cuidado de si conlata por uma busca pela verdade - não uma verdade última, mas um espectro subjetivo capaz de produzir sentidos ao viver, é possível considerá-lo não como uma dimensão individual de buscar um si mesmo escondido e incons-

---

136 YONATAN, (2022, p. 135). A psicanálise como análise de forças: colonialidade e diagnóstico ético.

137 FOUCAULT, (2010, p. 29). A Hermenêutica do Sujeito.

138 ROSE, (2001, p. 140). Inventando nossos eus.

ciente, mas as relações que fazem os regimes de verdade produzirem sujeitos. Lis’Alma retoma algo da voz estudantil: *a gente nasce dentro de uma sociedade, dentro de uma família, [...], os discursos que ouvimos, aos poucos vão nos constituindo [...] e deve ser ótimo sentir que esse ‘sistema’ onde nos formamos, é coerente com o que sentimos.* Tal imagem das afecções do corpo produzirem afetos consoantes com sua composição, poderia engendrar uma espécie de pulsão, transvalorada, em que não se trataria de um impulso, escaparia ao juízo de transcendência para dobrar-se em perspectiva ativa, como poder de avaliação, que pode se exercer ou não. Uma avaliação que não se equivoca com angústia ou prazer. No entanto enquanto modo de existência, requer uma decisão que exige coragem de um saber que se efetua em ato naquilo que se pode. Uma dobra que se intensifica em riso e não se oblitera em imagem fixada. Mas nem sempre isso é possível, é um caminho, é um processo, é um sonho... Uma psicanálise renovada, no divã educacional, ouve antigos lamentos, tais como o melancólico, o hipocondríaco, sobretudo o depressivo<sup>139</sup>, pois “aquilo que chamamos de ‘depressão’ é hoje um dos modos mais importantes de negar que precisamos de suavidade”<sup>140</sup>.



Cassiana Lopes Stephan<sup>141</sup> menciona que quando Foucault desenvolve acerca a filosofia como prática de vida e a ética como estilo de existência, fundamenta que ele acessaria de sua hermenêutica a ideia da filosofia como exercício espiritual, mas com a supressão do aspecto transcendental o qual caracteriza a interpretação de Pier-

139 DELEUZE, (2016). O lamento e o corpo. In: Dois regimes de loucos.

140 DUFOURMANTELLE, (2013, p. 59). Potências da Suavidade.

141 STEPHAN, (2020). O si mesmo, os outros e o mundo: o diálogo interrompido entre Michel Foucault e Pierre Hadot.

re Hadot sobre as ascetes antigas. Nesse caminhar, com o objetivo cartografar linhas de sensibilidades estudantis para que delas se possa capturar algumas condições de possibilidades ao cuidado de si na vida universitária, o que, por meio do Inventário da Travessia dos Afetos<sup>142</sup>, algumas pistas constituam pérolas nesse oceano subjetivo que é ser e estar aluno, em suas práticas, em seus modos de sentir, pensar, agir, - em que cada um seria o artista em potencial em uma arteSãnia, uma atitude crítica sobre si em relação ao contexto cultural e social que se vive. Menos avaliar o quão disciplinantes podem ser as práticas de si ou modos de vida, mas olhar com cuidado para o cuidado que os estudantes podem ter para consigo e com o outro.

Como eles se colocam em jogo na vida universitária na medida em que também se colocam em jogo com a verdade. Não perdendo de vista, que a verdade aqui é abordada como um conhecimento de si na relação com o outro e com o mundo, e não uma declaração legisladora de moralidades e normatividades. Na tentativa de escapar, ao menos em grande parte, das verdades das ciências psicológicas como donas das condutas mais adaptativas, para abrir brechas no campo educacional para *uma saúde singular*.

### **4.3 o si, a bolha, o furo**

— *A universidade te oferece inúmeras oportunidades para te desenvolver e crescer, preencher parte do que buscas em uma formação profissional (Docente)*

— *Durante o presencial passei toda minha vida com dedicação exclusiva para a universidade (estudante)*

— *Quais as tuas inquietações? (Docente)*

---

142 Instrumento elaborado pela pesquisadora para que alunos formandos bolsistas da PRAE demonstrassem as linhas de força em seus trajetos na universidade. Em anexo 3 do Livro 1.

— *O baque é muito grande quando tu sai* (estudante)

Se o que fura a bolha é o riso, como gesto dançarino de resistência ao que escraviza, de aceitação ao que se obstaculiza, o “baque” ao traçar novos territórios e fazer das inquietações uma oportunidade de crescer sem abafar o devir-criança, enseja um cuidado de si que se dedica à vida ela mesma, que naquele momento encontrava-se na universidade. Isso implica pensar no que diz Stephan ao escrever sobre o si, o outro e o mundo, quando diz: “Foucault nos mostra que, para os estoicos, meditar sobre si é meditar sobre a natureza, ou seja, atentar para si é atentar para o modo pelo qual nos relacionamos com os outros e, sendo assim, com o mundo”<sup>143</sup>. Nessa direção, escreve *uma* Docência em devir: — *Nós, professores e professoras abraçamos essa busca como rotina, como vocação, é nossa vida. Somos parte. As trajetórias de cada aluno ou aluna. Mas essa “passagem” é para nós uma espiral interminável que nos permite ver todas as outras coisas. Aqui construímos nosso ponto de vista. Vocês passam, nós habitamos.*

Há uma coabitação de mundos, de muitas universidades dentro de uma Universidade, suas microrevoluções, assim como as formas de manutenção de um *status quo*, em que se intenta escavar brechas que sirvam de um respiradouro para a existência e para um aprender, não perdendo de vista que “a aprendizagem é sempre uma longa clausura”<sup>144</sup>. Tempo do fora da bolha fura a película. Aqueles lugares sempre percorridos mas nem sempre observados pelo estudante, um hábito. Definir um lugar, um ponto no mapa, onde está a perspectiva, uma expectativa, metaversos afetivos que insurgem no encontro iminente, o local da prova, da sessão de acolhimento, do encontro com grupos, das aulas... fica no campus? No centro da

143 STEPHAN, (2020, p. 191).

144 RILKE, (2013, p. 55).

cidade? Às margens do esquecimento de si? Na amizade, criam-se noções comuns que favorecem o cuidado de si, é criar um meio, um espaço-entre que habilite agentes educacionais a entrarem pela porta-voz dos encontros. Não se trata de uma solução para a falta de diálogo que os estudantes d.Enunciam, mas de uma fabricação de novas questões. Em “ilusões do eu: spinoza e nietzsche”, Chantal Jaquet nos mostra que “em definitivo, para o sábio, tudo é si, pois nada lhe é estranho e radicalmente exterior”<sup>145</sup>.

Agentes em educação compõem uns com os outros e com o mundo suas relações de afeto. Há uma forma outra de experiência transindividual que não se submete ao EU de cada um de nós. Experiência esta que alcança uma ação livre quando há “abertura ao que não se tem controle”, agindo em nós como uma “ressonância de desejos”, como um novo jeito de estarmos em relação com o mundo, com o outro e com o si mesmo. Um si mesmo que se perfaz de uma alteridade radical. Spinoza, nas palavras de Jaquet então diria: “a alteridade, portanto, não deve ser confundida com a exterioridade; ser em um outro não é ser exterior a este outro, mas ser compreendido nele”<sup>146</sup>. Na travessia em meio à vida carregamos alguns ou muitos traços dos outros corpos que nos afetam e, portanto, esses nossos traços não são exatamente nossos, eles dão testemunho de uma vontade agitada pelos signos que nos arrombam o pensamento. Uma composição, que eventualmente se decompõe. De tal forma que conhecer o SI não se traduz por uma interioridade da qual seríamos capazes de nos apropriarmos, mas sim, pelas relações que estabelecemos com os outros corpos e pelas marcas que eles desenharam na nossa pele, por meio dos encontros, e o que podemos em

---

145 JAQUET, (2011, p. 364). Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza. In: As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche.

146 JAQUET, (2011, p. 354). Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza. In: As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche.

ato a partir daí.

Ao pensarmos o inconsciente como um mapa afetivo, onde trajetos não assimiláveis por uma vivência pessoal estranham-se à consciência, é possível perceber que há intensidades que são produzidas por meio do corpo. Corpo que pode, na medida em que, afastando-se da servidão, produz suas forças [manifestar a sexualidade sem medo; renunciar ao que a família esperava e não fazer licenciatura; demorar oito anos para se graduar e não ter desistido]. Assim, poderemos pensar um inconsciente [do desejo], que no campo da imanência, acionaria o movimento de uma instância do selvagem humano que há em nós, do que há de singular na caminhada por entre um conhecer para cuidar/um cuidar para conhecer - o si mesmo, os outros e o mundo.

Esculpimos um “si corporal” nietzschiano<sup>147</sup> quando atravessados por alteridades não negamos o devir que nos transborda. Nessa direção, podemos afirmar uma conexão sempre renovada com a vida, no sensível dos intermédios que estabelecemos com tudo que cartografamos com o si, no sim à liberdade. A possibilidade de não responder às expectativas e ideais, tanto na universidade, quanto da família ou da própria sociedade, é um fator desencadeante de angústia, ansiedade e, por consequência, de sofrimento psíquico, pois coloca o aluno diante de uma questão lacaniana, talvez, indecifrável: o que o outro-institucional quer de cada um? O que cada professor espera de seu aluno e cada aluno espera do professor, para além de afetos instáveis e passivos, podem impelir tais agentes em educação à imanência de uma vida cuidativa. O recurso foucaultiano, à moda nietzschiana de transvaloração dos modos de servidão a um Outro [Deus, Razão, Estado, Ciência], convida a voz entalada na garganta

---

147 BENOIT, (2011). Nietzsche e a crítica da metafísica do sujeito: por um “si corporal”? In: As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche.

das subjetivações capitalísticas, equipa a voz das subjetivações fugitivas, trabalha a voz das subjetivações cansadas, - a criarem a coragem de uma fala franca que faça desse cuidado a libertação da vida onde ela esteja aprisionada.

#### **4.4 Parresía**

Cultivei por muito tempo uma convicção: a maior aventura humana é dizer o que se pensa<sup>148</sup>.

A palavra faz caminho na direção do outro. Lis'Agencia que, ao franco falar de um certo cuidado de si, em teias espessas e sensíveis, junto ao mais potente dos afetos, o conhecimento, chegamos ao encontro de um outro. Tal como o conceito de cuidado de si, entranha-se por diferentes modos de ser e estar, nos tempos e contextos históricos. A *parresía*, também difere em sua composição, nessas linhas do pensamento. O coração selvagem de Clarice diz francamente: “tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto, como o que sinto se transforma lentamente no que digo”<sup>149</sup>.

Para uma política sensível nessa jornada investigativa, o ato do franco falar ganha relevo na medida em que alcança a voz de alunos e professores e na medida em que traça ranhuras nos sistemas hegemônicos de uma psicologia, de uma educação, os quais moldam comportamentos pelos códigos normativos, pelas grades curriculares, por um ideal de “eu”. Lis'Antes já tinha feito conexões entre quem aprende e quem ensina, ainda que quem ensine também aprenda, e quem é aprendiz tem sempre algo a dizer. É preciso coragem para repetir essas observações, diferenciações no risco

---

148 NASSAR, (2013, p. 353). Obra Completa.

149 LIPECTOR, (2022, p. 30-31). Perto do coração selvagem.

de dizer. Aquela voz de Clarice retorna ternamente aos ouvidos de Lis'Agora: “tenho que falar porque falar salva. Mas não tenho nenhuma palavra a dizer. O que é que na loucura da franqueza uma pessoa diria a si mesma? Mas seria a salvação. Embora o terror da franqueza venha da parte das trevas que me ligam ao mundo e à criadora inconsciência do mundo”<sup>150</sup>.

Distanciando-se da dimensão confessional do cristianismo, dizer a verdade<sup>151</sup>, na ambiência educacional, passa por aquilo que constitui os sujeitos na medida em que efetuam essa prática. Através de um conjunto de pressões, pulsões, forças, - a *parresía* como uma linguagem que se aparta da “má consciência” moral que aprisiona o ser, caminharia para a psicologia profunda de Nietzsche, como é mencionada por ele em seu aforismo 23 na obra “Além do bem e do mal”<sup>152</sup>, em que a relação com a alteridade passa pelo conhecimento dos afetos que se remetem ao corpo que fala. Diante do intenso momento de isolamento pandêmico, momento pelo qual a fala se deu pela palavra ouvida ou lida através de uma tela, Lis'Areja pensar nas condições de possibilidade que foram criadas a partir daí, para que professores e alunos pudessem olhar de uma outra forma, transvalorar esse vínculo entre eles. Comparece aí a noção de amizade, em que aquele a quem se endereça pode ou não acolher o que é dito.

Ainda que as subjetivações capitalísticas se aprisionem ao que o outro espera delas, em que esse outro muitas vezes é visto como um tirano ou inacessível, há de se transvalorar as relações que se tem com esse “outro” nas sendas educacionais. Assim como o corpo pode ser rostificado, um rosto pode ser desmanchado na

---

150 LISPECTOR, (2019, p. 86). Água viva.

151 FOUCAULT, (2011, p. 4). A coragem da verdade: o governo de si e dos outros.

152 Acerca disso, Nietzsche relata no aforismo 23 que: “a inteira psicologia até agora se manteve presa a preconceitos e temores morais; não ousou às profundezas”, (NIETZSCHE, 2019, p. 61). Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.

medida em que entendemos que o processo civilizatório da convivência acadêmica precisa de cuidados em um movimento ético-político-estético. “Não é falsa aparência, é fabricação”<sup>153</sup>.

O “outro” foucaultiano, o qual é indispensável para que se possa dizer a verdade sobre si, é possível que se se aproxime do grande Outro laciano – em que sendo uma psicóloga, um professor, ou alguém que ocupe provisoriamente um estatuto de “amigo”, possa desenvolver experimentações tais como práticas de si articuladas a uma ambiência educacional. “A qualificação necessária a esse personagem incerto, um tanto nebuloso e flutuante, é certa prática, certa maneira de dizer que é precisamente chamada de *parresía* (a fala franca)”<sup>154</sup>. A *parresía* é, portanto, um ato político. Por isso política sensível do cuidado de si na travessia dos afetos, ainda que existam sutilezas no caminho a uma prática. Não é enunciar o que se sabe numa prática pedagógica, mas perscrutar o que não se sabe nas relações com o si, com o outro e com o mundo. Aciona uma determinada violência pois só alcançamos certa verdade sobre nós senão por um outro que nos expulsa, “há observações mortais que são ditas com uma voz doce e suave, há violências que se mostram como carícias para melhor atingir o coração”<sup>155</sup>.

Há uma relação complexa entre saber, poder e sujeito, que envolve uma racionalidade que lhe arranca de sua própria alienação. Falar em um tempo de autoridade [e não autoritarismo], é exercer uma potência [e não um poder], capaz de tocar as cordas vocais do aluno em suas im.posturas – “suas entradas e saídas da aula, por sua política de mirar, baixar e levantar a cabeça” e o professor é aquele que “fala com as mãos (sinais e escrita); um professor escreve, mes-

153 FOUCAULT, (2021, p. 386). Sobre a história da sexualidade [1977]. In: Microfísica do poder.

154 FOUCAULT, (2011, p. 8). A coragem da verdade: o governo de si e dos outros.

155 DUFOURMANTELLE, (2013, p. 71). Potências da Suavidade.

mo com a boca (voz e escritura)<sup>156</sup>. Uma arte de viver que exige coragem para falar e coragem para ouvir. Agir sobre o outro, não para requerer algo, mas como uma condução do outro na constituição de si mesmo. Seria necessário que o próprio mestre tome a palavra com certa frequência, afinal, a “palavra viva é um alimento mais nutritivo”<sup>157</sup>, de modo que seus ouvintes possam digerir e metabolizar seus ensinamentos. De modo a também ouvir seus ouvintes e a se ouvir, como se questiona um docente: *será que falei alguma groselha pois hoje em dia precisa ter muito cuidado para falar as coisa* -, quando sentiu um afeto de rejeição por uma turma de alunos. Aquela ausência que já o colocava numa Docência-camelo, era também questionada Lis’Atenta à grande infrequência, que havia ganhado protagonismo no estudo dissertativo, encontra alunos que não vão às aulas porque estão atravessando um problema familiar ou de saúde; não vão às aulas porque perderam sua condição de bolsista; não vão às aulas porque estão passando algo de ordem subjetiva; não vão às aulas porque necessitam de outras formas de caminhar com suas existências naquele momento.

Na transversalidade das relações institucionais, dos afectos de uma dada experiência docente, é que se pode encontrar uma docência que escuta: — *eu gosto de dar aos alunos a palavra*. Ela dizia aos seus pupilos: — *finjam que vão defender uma ideia*. Nessa direção, as docências pareciam abertas para essa prática parresiasta, quando diz ao aluno: — *precisas também dialogar e não esperar tudo de nós, dos professores e da universidade*. É aí que A Aluna Brilhante salva seu timbre quando, depois de alguns anos no chão da universidade diz em tom de repetição: *encontrei a minha voz que tanto estava aprisionada e junto com*

---

156 OLIVEIRA, (2012, p. 77). Para dar uma aula escritural. In: CORAZZA. Aula Cheia: caderno de notas 3.

157 FOUCAULT. (2010, p. 345). A Hermenêutica do Sujeito.

*ela aprendi a escutar mais e controla-la, sabendo os limites e de quando precisa se fazer escutada.* Uma voz que de canta do tempo de espera, das urgências subjetivas, se desfaz do rosto que se desfaz quando lhe dão uma identidade, para transitar em lugares outros de relação consigo e com o mundo.

Se “não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com o outro”<sup>158</sup>, torna-se necessário recriar relações entre os agentes de educação que olhem no fundo de seus medos, falem bem alto aos seus desamparos e construam uma vida outra possível. Um franco falar, menos como “modos de “endereçamento”<sup>159</sup>, em que há uma intencionalidade da ação sobre o espaço da diferença carregando imprevisibilidades que escapam do controle tanto de professores quanto de alunos, mais como um espaço de virtualidades e experimentação. Há uma torção em que atua um *ethos* da existência, pois “do ponto de vista ético, o homem tem responsabilidade pelo outro, e pelo mundo em que vive, pela natureza e pelas coisas”<sup>160</sup>.

No Castelo dos Saberes, subjetividades movem-se na imanência dos dias, ensolarados, nublados e chuvosos, nos entre-meios de uma *clínica* que convida a ouvir os abismos. Alunos e professores que se encontram “na fragilidade do entre: entre o dito e o indizível, entre o desvelar e o ocultar, entre o singular e o múltiplo, entre o encontro e a solidão, entre o claro e o escuro, entre o finito e o infinito, entre o viver e o morrer”<sup>161</sup>. O meio como um dizer entre aluno e professor, entre uma psicóloga e um grupo, em que não há solução,

---

158 FOUCAULT, (2013, p. 43). O governo de si e dos outros.

159 ELLSWORTH, (2001). Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu. Nunca fomos humanos: nos rastros dos sujeitos.

160 SAFRA, (2004, p. 90). Po-ética da clínica contemporânea.

161 SAFRA, (2004, p. 24). Po-ética da clínica, contemporânea.

uma passagem, pois “a travessia pela vida é feita de uma linha estreita somente possível pela presença do outro que porta historicamente o atravessamento das questões da existência humana”<sup>162</sup>. Assim, “o cuidado de si – ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos – aparece então como uma intensificação das relações sociais”<sup>163</sup>. É uma relação. Falar e Ouvir. Escutar não é algo passivo, é ativo em relação ao outro. Ouve-se a vida na universidade em suas dores e alegrias.

#### **4.5 Amor *fati***

Somente quem está preparado para tudo, quem não exclui nada, nem mesmo o mais enigmático, poderá viver sua relação com o outro como algo vivo e ir até o fundo de sua própria existência<sup>164</sup>.

Estarmos preparados e aceitarmos. O paradoxo estoico, o qual consiste em afirmar o destino e negar a necessidade, permite com que possamos perceber que os acontecimentos estudantis como tais, remetem-se à profundidade da causa de seus desejos em seus corpos. Não sabem conquanto seus efeitos se mantêm na superfície sob forma de tempo e de vazio incorporais como destino, os quais se expressam, não raras vezes, pelo adoecer. Não há como lutar contra o vazio entre um trajeto e outro, entre um deslocamento afetivo para outro estado de sensação; bem como, não há como lutar contra o tempo, seja na forma de um cronos para os prazos de entrega dos trabalhos acadêmicos, seja na forma de um AIÓN que se efetua com o cosmos que constitui singulares durações e percepções. Mas há como aceitá-los e conciliá-los, na medida em que temos o conhecimento da passagem deles em nosso corpo. Lis’Aqui

---

162 SAFRA, (2004, p. 25). Po-ética da clínica, contemporânea.

163 FOUCAULT, (2018, p. 69). História da sexualidade. Vol. 3: o cuidado de si.

164 RILKE, (2013, p. 67).

remonta à fala da Docência-Camelo ao se referir a *uma novela, em que mazzaropi*<sup>165</sup> *fez uma versão, onde o personagem era fascinado por um filósofo que dizia acreditar no mundo tal como aparece e passava o tempo inteiro sofrendo.*

As ilusões pelas quais nutrimos uma ideia sem a sua correspondência na mente, apenas como uma sombra projetada sobre a bolha da universidade, faz com que os alunos sofram, não por terem sintomas, mas por “compreenderem os sintomas como mera expressão de uma forma de estar doente”<sup>166</sup>. Sintomas de ansiedade e depressão tão alarmantes entre os universitários, recrudescem pelas experiências de tensionamentos que a ambiência educacional provoca, mas isso não quer dizer que a instituição sozinha esteja causando o adoecimento, pois adoecer é ser afetado, é da ordem de um duplo, de uma relação. Trata-se então de uma distância que se percorre. Tempo de adoecer. Tempo de sarar. Vazio que aniquila. Vazio que dá espaço para a vida ficar maior. Ou seja, é a ressonância de disparates, em que uma série de acontecimentos caminham em afirmação simultânea. Assim, há sobre cada queixa estudantil, cada pedido de socorro, uma perspectiva. Lis’Acolá das palavras de Deleuze no capítulo “da comunicação dos acontecimentos” em *Lógica do Sentido*, cola tal disjunção de um ponto de vista aberto, quando “Nietzsche nos exorta a viver a saúde e a doença de tal maneira que a saúde seja um ponto de vista vivo sobre a doença e a doença um ponto de vista vivo sobre a saúde”<sup>167</sup>. Para inventar *uma* Saúde, singular a cada ser, não seria preciso afastar a doença, mas torná-la caminho. Se aceitamos que adoecer faz parte da vida, não necessitamos adoecer para

---

165 Amácio Mazzaropi foi um ator brasileiro, humorista, cantor, produtor, roteirista e cineasta brasileiro. Um dos nomes mais conhecidos do cinema nacional, ficou marcado pelos papéis como o “jeca” ou o “caipira”, tendo produzido, escrito, dirigido e estrelado 32 produções entre 1952 e 1980.

166 SAFATLE, (2020, p. 203). O circuito dos afetos.

167 DELEUZE, (2015, p. 179). *Lógica do Sentido*.

entende-lo. Se aceitamos o caminho de tornarmo-nos quem somos, então estamos livres da necessidade de ser qualquer outra coisa que se distancie de nossa natureza, livres também para mudar. Se ao entrarmos no corredor espelhado do Castelo e nos depararmos com o racismo, com o assédio, com o controle de uma sociedade que exige passividade e adaptação aos estigmas, - podemos ter a chance de olhar para seus fractais efeitos em nosso corpo, a partir dos quais enxergamos a coloração de suas causas. É por meio das práticas de si que somos capazes de enxergar essas colorações e comunicar as distâncias que nos libertam, pois “à medida que a mente compreende as coisas como necessárias, ela tem um maior poder sobre os seus afetos, ou seja, padece menos deles”<sup>168</sup>.

Não é a distância entre um estudante e ele mesmo que define sua liberdade, mas o exercício da razão que distingue o contingente ser absolutamente necessário, razão esta que só aliciaria uma qualidade de “bem” ou de “mal” se for o acontecimento decretado por uma realidade externa, - porque, nada seria contingente na natureza enquanto negação da necessidade estoica e enquanto haja algo exterior que sirva de satisfação. Assim diz Sêneca na carta 50 à Lucílio: “O mal que nos aflige não é externo, está dentro de nós, situado em nossos próprios entraves; por isso alcançamos a saúde com dificuldade, porque não sabemos que estamos doente”<sup>169</sup>. No entanto, os laços sociais de um mundo adoecido devem ser cuidados com a prudência de um “não-todo” laciano, em que insistem fendas a partir daí, como no caso da pandemia covid-19<sup>170</sup>, em que inúmeros rearranjos subjetivos, econômicos e pedagógicos na universidade precisaram ser realizados.

---

168 SPINOZA, (2020, p. 188). ÉTICA. [Parte V, proposição 6].

169 SÊNECA, (2017, p. 188). Cartas de um Estoico. Volume I.

170 Ver capítulo 6 (Contágio) no Livro 1, p. 127.



Spinoza em sua proposição 44 da parte II da *Ética*, diz que “é da natureza da razão considerar as coisas não como contingentes, mas como necessárias”<sup>171</sup>, no que ele deve ter influenciado a Nietzsche, e ambos, bebidos do estoicismo para falar de amor *fati*. Os alunos têm uma vida muito difícil, havia dito a Docência-Camelo. Sim, Lis’Anda concordaria, afinal, eles estão *enojados dos estúpidos seres humanos*, sofrem a *carnificina* de uma vida universitária, têm suas vidas roubadas pelas tarefas acadêmicas. Parou um pouco a caminhada e entrou novamente na Biblioteca para rever um estudo<sup>172</sup>, o qual demonstra que a experiência discriminatória no contexto do ensino superior -, podendo estar relacionada à aparência física, ao status social, à religião, à cor de pele, ao desempenho acadêmico, à posição política e à orientação sexual, - aponta para maiores taxas de episódios depressivos entre os estudantes negros e pardos. Além disso, no mesmo estudo mencionado, 77,5% dos estudantes relatam que as vivências de discriminação são percebidas de dois modos: 1. Levam-nos a se sentirem “inferiores” e com baixa autoestima, discriminados pela aparência física, pelo status socioeconômico e pelo desempenho acadêmico; 2. Levam-nos a se sentirem “diferentes” ou “estranhos” por escolhas pessoais, credos, traços raciais e outros. Problematizar a saúde mental, e olhar para uma Saúde Inventiva em prol de uma política sensível do cuidado de si estudantil, perpassa por importantes questões sociais como essas, de modo a decolonizar o pensamento hegemônico acerca das hierarquias sociais, raciais, de gênero e sexualidade. Lis’Anda observa, tanto em algumas escritas de si estudantis, como em alguns fragmentos das escritas docentes

---

171 SPINOZA, (2020, p. 84). *ÉTICA*. [Parte II, proposição 44].

172 JUNIOR; RACHKORSKY; RONZONI; DOGRA; DALGALARRONDO, (2016).

acerca do que seria protetivo à saúde estudantil -, a importância da atenção para uma ambiência acolhedora e respeitosa na educação.

a experiência diáspora, pois sentia-me em um local de refúgio, onde poderia me reconhecer e me aceitar na minha totalidade, sem julgamentos em relação a minha sexualidade e a minha forma de expressão.

Imagem: escrita de si de estudante

Fonte: autora, 2022.

supõe interesse. A existência de espaço ao ar livre, para interação social é também mecanismo protetivo, sobretudo porque, mesmo havendo avaliações conversas reservadas, fazer papo, seja sobre temas sérios, seja sobre bobagens permite conhecer novos gostos, conhecer novos

- Possibilidade do aluno se expressar sem sentir-se ou embaraçado.

3. Ambiente inclusivo que respeitem as diferenças de raça, cor, gênero...

Imagem: composição de fragmentos da escrita docente acerca de fatores que protegem a saúde estudantil

Fonte: autora, 2022.

Não há como negar esses atravessamentos, bem como não há como aceita-los. Nesse âmbito, o cuidado de si como prática de liberdade, mergulharia no mar das doutrinas de igualdade, e sob um forte grão de areia seria capaz de perolar uma existência e fazer da vida a arte de viver num mundo contemporâneo repleto de pré-conceitos. Talvez pudéssemos ir na direção de que um aluno que se sente preso na bolha-universidade, o qual apesar de perceber que *foi bem difícil de me dedicar*, consegue compreender que também é capaz de fazer uma pérola sair daí, quando diz: — *eu dei meu melhor e com muito sofrimento finalizo minha trajetória.*

Amar o destino não é coisa fácil no Castelo dos Saberes, sobretudo para os estudantes. Lis'Anda por algum momento pensara

que a Docência-Camelô estaria resignada com sua pesada carga e isso faria dela alguém conFORMADA. Mas pelo caminho encontra “o amor *fati*” como a fórmula de Nietzsche para a grandeza do homem, na qual ele diz que “não se deve procurar outra diversa, quer no futuro, quer no passado, nem mesmo para toda eternidade. Não basta ‘suportar’ o que é necessário, e muito menos menoscabi-lo – todo idealismo é uma mentira diante da necessidade –; deve-se amá-lo...”<sup>173</sup>. E se a música “Alucinação”<sup>174</sup> de Belchior estiver certa, podermos amar dessa maneira, é uma forma de transvaloração das coisas, ou seja, uma brecha para [nossas] metamorfoses.

Dessa forma, se para viver um boa vida é preciso sofrer, se para lapidá-la feito uma ostra é necessário que um acontecimento lhe arrombe o espírito feito “movimento aberrante”<sup>175</sup>, então poderíamos adentrar o campo de concentração de aprendizados pelos signos da arte e redescobrir um tempo em que as contingências sejam entendidas como parte inerente da vida, e portanto, necessárias são as formas construídas para vivê-las sem colocar a própria existência dominada por suas forças exteriores. Responde Sêneca: — “A conclusão é, não que as dificuldades sejam desejáveis, mas que a virtude é desejável, pois nos permite pacientemente suportar as dificuldades”<sup>176</sup>. Assim, quando A Aluna Brilhante antes de se transformar em híbridos personagens, diz: — *a cidade e as pessoas de pelotas são hostis, isso dificultou minha passagem pela universidade. Fiz poucos amigos; alguns professores foram muito machistas e estúpidos comigo, o que me causou stress, chegando ao ponto de eu chorar em sala de aula. No fim, identifiquei um transtorno de ansiedade que se desencadeou conforme a solidão e a*

173 NIETZSCHE, (2016, p. 61). *Ecce Homo*.

174 A pesquisadora refere-se sobretudo ao trecho “amar e mudar as coisas”.

175 LAPOUJADE, (2015, p. 66). *Deleuze, os movimentos aberrantes*.

176 SÊNECA, (2021, p. 38). *Cartas de um estoico. Volume III*. [Carta 67 sobre a doença e a resistência ao sofrimento].

*pandemia, intensificando minhas angústias nos últimos anos*, - poderíamos dizer que os maus encontros que ela obteve na vida universitária provocaram afecções em seu corpo deixando feridas e escaras em sua pele? Talvez Clarice pudesse lhe questionar: — “Será que a ostra quando arrancada de sua raiz sente ansiedade? (...) Não gosto é quando pingam limão nas minhas profundezas e fazem com que eu me contorça toda. Os fatos da vida são o limão na ostra? Será que a ostra dorme?”<sup>177</sup>.

Lis’Alga sabia que os afetos não dormiam, eles sonhavam cada dia mais nos filamentos vivos daquele Castelo. Diz-lhe Sêneca que “a dor é ligeira se seu juízo não acrescentou nada”<sup>178</sup>, ou seja, o poder curativo da mente age de acordo com as opiniões que somos capazes de formar sobre algo. Não se trata de juízos dogmáticos, tampouco de opiniões vãs que desapropriam a capacidade de pensar. Ressoava a voz da Docência-Criança que gritava para *refletir e depois aceitar*, pois “o que há de grande é uma alma firme e serena na adversidade, que aceita todos os acontecimentos como se os desejasse”<sup>179</sup>, alma amalgamada com o corpo e seus sentidos. Ouvindo a voz do poeta: “Temos que aceitar a nossa existência em toda plenitude possível; tudo, inclusive o inaudito, deve ficar possível dentro dela. No fundo, só essa coragem nos é exigida: a de sermos corajosos em face do estranho, do maravilhoso e do inexplicável que se nos pode defrontar”<sup>180</sup>, Lis’Aceita que amar ao des-

177 LISPECTOR, (2019, p. 44). Água viva.

178 SÊNECA. Cartas de um Estoico. Volume II. São Paulo: Montecristo Editora, 2021, p. 118. [Carta 78 - Sobre o poder curativo da mente].

179 FOUCAULT, (2010, p. 237). A Hermenêutica do Sujeito. [Nesse trecho o autor faz referência aos estoicos. Ainda que ele problematize o paradoxo das cartas de Sêneca, as quais mencionam o trabalho que se deve fazer de si para consigo, na superação de males externos, para que se esteja preparado para morrer e ao mesmo tempo para desbravar o mundo estando já velho; o que se quer extrair daí é o pensamento de que se pode com a língua nas pontas dos pés, caminhar e falar transformando o que oprime a si pelo meio do percurso, onde a vida cresce].

180 RILKE, (2013, p. 66).

tino significa aceitar aquilo que nos acontece. Mas não se trata de uma aceitação passiva, não se trata de lamúrias diante da angústia ou ainda de um sentimento de injustiça ou vitimização. Trata-se de uma microrrevolução que faz das adversidades uma batalha. Frente aos acontecimentos inesperados e inerentes ao viver, aqueles que muitas vezes não temos nenhum domínio, somos capazes de transportar os imprevistos em luta, os contratempos em aprendizado e os tormentos em transformação. O embate incide sobre assumirmos um querer o ocorrido, o erro, a falha, a perda, a decepção, e assim, afirmar uma potência de vida. A Docência-Criança rodopiando na satisfação dolorosa de suas experiências, ressalta: — *ainda tenho uma promoção funcional atrasada na qual tenho trabalhado todas as tardes de segunda-feira. A quero e sei que mereço. Hoje sei que tenho o dom da voz, que posso realizar as tarefas desagradáveis e amo ser professora de graduação em sala de aula somente com um quadro branco e uma caneta ou com toda a natureza em caminhadas. Eu não reescreveria minha história de modo diferente e adoraria narrá-la em uma palestra ou vivência.* Parecia uma docência estoica, com sua fala franca, suas caminhadas com seus pupilos.

Lis?Ama percebe em alguns momentos de suas andanças, que o amor *fati* nada tem a ver com uma incondicional resignação. Não se ama na passividade. Escolhe-se o amor. E amar o destino envolve muito mais que uma pura e simples aceitação ao que os ventos da vida acadêmica trás. É tomar o leme e envolver-se no quinhão de responsabilidade que nos cabe, para além das subjetivações fugitivas que de vez em quando queriam só uma fresta de ar. É dizer sim, é dizer não. Não é aceitar tudo, pois uma afirmação requer também negações que a antecedem. Na medida em que o estudante tem a oportunidade de conhecer a si mesmo, por meio de práticas consigo mesmo e com os outros, tem também a chance de saber distinguir as coisas externas a si que lhe invadem e as coisas que são

fruto de sua imaginação. No Inventário da Travessia dos afetos, os estudantes respondem que sabem pouco sobre seus afetos, remetem-se ao medo e à impotência e à confusão; Crisálida Negra diz: — *nunca pensei sobre isso, apenas sigo a vida*; Menino-que-carrega-água-viva relata: — *de modo geral é difuso, às vezes eu só estou com fome, às vezes eu só estou cansado, mas interpreto tudo como tristeza*; Pássaro Azul menciona que *depois da terapia sim*.

Nessa perspectiva, em que Lis'Anda observa que a maioria procurou auxílio psicológico/psiquiátrico, no entanto, ao mesmo tempo, relata que busca o conhecimento de si e procura também compreender os sentimentos que lhe atravessam, considerando que consegue muitas vezes enfrentar as dificuldades inerentes à vida [universitária]. De tal modo, que é perceptível o quanto é uma travessia árdua e tempestuosa, essa dos afetos no Castelo, mas sobrepujam sua experiência a lugares em sua vontade de potência que colocada à prova ganha espessura de alegria. Parece que ouviram o franco falar da docência-leão que dizia: — *busquem formas de manter a saúde física e mental, de buscar hábitos mais equilibrados, de valorizar os momentos com as pessoas, de dedicar sua vida a algo mais que trabalhar*. — *Sim, disse o aluno, não vejo a hora de me formar para ter uma vida*.

Amar o destino é estar à atura do acontecimento. Por que isso aconteceu comigo? O que aprendo com isso? Para o que isso me prepara? Para eu dizer sim a isso, quantos não tive que dizer outro-*ra*? Aprendo a dizer não quando o esperado é o sim calmo e passivo? Amor *fati* é acima de tudo uma atitude, uma postura diante da vida que implica uma prática para examinar o caos interior de uma parte inexplorada de nós mesmos. Perceber que o que aconteceu tonou-se do tamanho dos nossos buracos, encontrou eco dentro de nós, seja para dobrar o ocorrido em conflitos intermináveis, ou fazer transformações de si, ou ainda um e depois o outro. Como exercício

estoico, o amor *fati* nos desafia a tratar cada momento como último, e por isso os desafios que surgem devem ser adotados como mestres e não evitados como inimigos. Afinal, farias tudo de novo se assim preciso fosse? No eterno retorno nietzscheano encontraríamos a resposta. O movimento da vida. O fluxo dos acontecimentos. Podemos ter uma alimentação saudável e fazer exercícios físicos, mas não controlamos a forma como nosso corpo reage ou produz saúde ou adoecimento. Podemos evitar certos males, mas nem todos estão em nossas mãos, como o clima, e as perdas. A aceitação (ativa) de um infortúnio nos remete a um deslocamento, do luto à elaboração há um movimento interno pronto para nos tornar outro. Antes de se tornar Leão, o peso que a docência-camelo carrega em seus deveres e que a subjetivação cansada leva suas obrigações precisaria ser transposto ao traçar deslocamentos para a leveza, pois o modelo de um sujeito sucateado pelo Édipo-productivo não cabe mais. Antes que a composição do estoicismo com a psicanálise aqui desejada se alicie a diagnósticos narcísicos de condutas voltadas para si mesmo, perfaz-se contorno ao controle neurótico sobre os fatos da vida através da compreensão da dicotomia do controle, em que há coisas que dependem de nós, trazendo o sujeito para se implicar um pouco mais [qual a tua responsabilidade?] e deixar de ficar projetando no outro-instituição a causa de todos os males; e em que há coisas que não estão no nosso controle, tais como o tempo e o que o outro faz e pensa, implicando alunos e professores a saírem do aspecto voltado ao “eu” posso, para desfazer seus rostos e abrirem seus corações para o amor *fati*. — *Viver a vida que nos toca viver*, repete a Docência-Criança. Dar conta de si e sustentar os próprios desejos, criando sentidos à realidade. Eis o paradoxo que costura as linhas da vida. Entre o que nos acontece sem desejarmos e a arte de cultivar o desejo ao que acontece ser exatamente como deveria ter sido, há

um interstício fundamental para dizermos “sim” a vida, afirmar a existência outra a cada dia, construindo outros valores e fazendo da imanência uma dádiva.



Quando Lis’Afetiva pergunta aos estudantes se exercitam de algum modo a espiritualidade, se praticam alguma atividade para se sentirem tranquilos e examinarem seus pensamentos, - eis que o Pássaro Azul responde: — *eu tenho fé na humanidade, mas já frequentei muitas religiões. Quero dizer que minha fé é terreno de que tenho esperanças e luto politicamente para construir um mundo melhor.* Referem-se à música, à meditação, a pedaladas, à escrita e leituras como fontes de um encontro, ainda que ínfimo e cambiante, consigo mesmos. Também referem-se conseguir priorizar algo em suas vidas a ponto de abrir mão ou se absterem de práticas que lhe sejam satisfatórias e imediatas. Exercícios de abstinência para os estoicos, em um sentido de preparação para eventuais privações e, tendo a nossa disposição o indispensável, é possível suportar estar sem aquilo pois já havíamos experimentado essa situação. Em “o jejuador”, Kafka diz que “só a fome nos faz saber o que realmente desejamos comer, só o esvaziamento pode dar passagem a forças que não conseguimos espaço num corpo gordo”<sup>181</sup>; No volume 3 de história da sexualidade: o cuidado de si, Foucault afirma que “o controle é uma prova de poder e uma garantia de liberdade”<sup>182</sup>. No entanto, invariavelmente, algo de que não temos controle e que, invariavelmente rouba a paz naquelas andanças pelas ruas universitárias, é o tempo. Todo fim é um fluxo de recomeço, terno retorno que se repete até ficar diferente,

181 KAFKA [1922]. O artista da fome. (Podcast), Lis’Anda ouviu caminhando. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7FY6IBwxg5v38kJzm4BaxB?si=DdR-4L5rcQayHGUECM6rfdw>

182 FOUCAULT, (2018, p. 82). História da sexualidade vol. 3: o cuidado de si.

de novo, e de novo, tal como a escrita que Lis'Agri mensura em seus passos. Encontrar linhas de vida que parecem desenhar suas forças que aumentam e diminuem a potência de agir entre os estudantes formandos (2022/1).

Se essas pequenas observações de um cuidado traçam uma mapa intensivo que se pretende fazer de imagens peregrinações [fílmicas], cuja “geografia não é menos mental e corporal quanto física em movimento”<sup>183</sup>, é porque elas nutrem de alguma forma o pensamento no próprio pensar da pesquisadora. Filtrar o fluxo da representação e tomá-la tal como se apresenta ao espírito é tornar possível um relevo onde “o novo permanece para sempre novo, na sua potência de começo e recomeço”<sup>184</sup>. Um ato de conexão com a subjetividade estudantil insurge no campo da imanência, películas de suavidade invadem as subjetivações caleidoscópicas dos estudantes, envolvendo a coragem de correr os riscos (*Parresía*), na medida em que eles podem ser estimulados a estar mais preparados para as adversidades que fazem parte da vida (*Premeditatio malorum*): “O que eu aconselho você a fazer é, não ser infeliz antes que a crise chegue; já que pode ser que os perigos que empalidecem como se o estivessem ameaçando agora, nunca cheguem sobre você.”<sup>185</sup> Viver a vida como uma grande prova (*Momento mori*), a de concluir uma graduação, pressupõe que o fluxo das forças vitais não é contínuo nem contíguo, o sofrimento pode ser um sinal de alerta, para que emerja daí uma saúde que venha a ser mais integrativa e que contemple a possibilidade do cuidado de si. Lis'Analista problematiza algumas possíveis transvalorações dessas práticas no cotidiano da vida na universidade, que estão a passar pelo meio, pois início e fim

---

183 DELEUZE; PARNET, (1998, p. 51). Diálogos.

184 DELEUZE, (2000, p. 235). Diferença e Repetição.

185 SÊNECA, (2017, p. 53). Cartas de um Estoico. Volume I.

seriam apenas pontos. O “fim” de uma graduação seria apenas o trampolim de uma vida em ebulição. Pare, olhe, escute. O trem da vida está sempre a passar. Diz o Discente Mutante: *liberdade sinto que tem muito a ver com criatividade, é dela que surgem coisas novas, descobertas*. Estimular, criar espaço, problematizar junto, um olhar atento [antes de ouvir, é preciso ver; uma conversão do olhar]; uma escuta sensível na pluraridade de vozes. As pausas são os meios que dão ritmo entre um e outro passo. A travessia continua. O grande dia de todo dia no tempo redescoberto.

#### **4.6 escrita de si**

Escrever é, em ato, dar voz ao pensamento. Repetindo o poeta, “pensar é sentir”. Sendo o pensamento fruto daquilo que o força pelo encontro com os signos, com outros corpos, algo que se aprende, pelo tempo redescoberto dos afetos, podemos dizer que escrever é um modo de conhecer. Sendo o conhecimento o mais potente dos afetos, é possível que o cuidado de si seja articulado nas escritas como uma prática, pois só se tem acesso ao que pode um corpo quando este é exercitado em suas diversas multiplicidades. Ainda que este exercício seja contínuo, é por fragmentos de verdade que se apropria de uma vida mais livre, não se dá na totalidade, não se faz de uma vez só. Lis’Alimenta o caminho de paciência. Sêneca na carta 84 diz que é preciso ler e escrever, uma vez que “a leitura nutre a mente e a refresca quando está cansada de estudo; no entanto, este frescor não é obtido sem estudo”<sup>186</sup>. Um duplo movimento que se perfaz de distintas formas. Alunos da dissertação e alunos da tese o fizeram e de suas linhas de escritas foi possível extrair algumas sensibilidades para afirmar que há potência de agir aumentada na medida

---

186 SÊNECA, (2021, p. 156). Cartas de um Estoico. Volume II.

em que alunos escrevem, pois tornam um ato do pensamento que cuida de olhar para o que lhes afecta. A escrita de si desta tese desenha as linhas de um *ethos* em deslocamento das linhas que as práticas da Antiguidade empregavam, pois a urgência do contemporâneo em nós clama por pausas e tornam a velocidade de imagens uma nova linguagem a ser carto grafada. Dessa forma, a escrita esboça uma relação com o devir, por meio das experimentações que os agentes em educação podem ter com o mundo, em potencial transformador de si, construindo-se no próprio ato de escrever. O que se inscreve no corpo à medida em que se escreve? O poeta Rilke diria: “procure em si mesmo; investigue o motivo que o manda escrever, examine se entende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado escrever?”<sup>187</sup>

O resgate foucaultiano das práticas de *uma* “escrita de si”<sup>188</sup>, as relaciona como formas de lutar contra determinada fala ou para superar alguma situação difícil, em que se configuram de duas maneiras: [1] Os *bupomnêmata* são uma espécie de diários de bordo produzidos por leitura-anotação-redação. Não se trata de uma narrativa de si mesmo, mas sim “trata-se de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si”<sup>189</sup>. Relacionam-se com a memória, na medida em que ler, reler, conversar consigo mesmo e meditar a respeito da escrita torna-se um equipamento, implantado profundamente na existência. Nesse sentido, não se trata de um arquivo morto, pois é uma escrita vívida de transformação. Qual a surpresa de Lis’Arquivista pensar nas *escrileituras* corazzeanas dos

187 RILKE, (2013, p. 22).

188 FOUCAULT, (2014). A Escrita de Si [1983]. In: Ditos e Escritos V.

189 FOUCAULT, (2014, p. 145). A Escrita de Si [1983]. In: Ditos e Escritos V.

encontros que Pandora teve com alunos da Dissertação, em que a proximidade dessa prática antiga já se manifestava por suas forças naqueles caderninhos azuis que estudantes levaram e trouxeram de volta com os afetos das experiências que os atravessaram; [2] *A correspondência* é um exercício de escrita pessoal enviada a outros, em que “ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz”<sup>190</sup>. Um dos maiores exemplos desse modo de escrita de si encontram-se nas Cartas de Sêneca ao seu discípulo Lucílio, demonstrando que é possível invocar o que é necessário mudar durante toda a vida e o quanto se precisa da ajuda do outro na elaboração de si. Essa dupla função recai na premissa de que “quem ensina se instrui”<sup>191</sup>. Trata-se de uma reciprocidade, que não é da ordem de um conselho, mas de um olhar e um exame que subjetivam como uma busca da verdade singular, mas também uma objetivação da corpo que escreve como um bem próprio de sua obra a fazer.

Quando Lis’Anda propôs aos alunos escreverem cartas aos professores e aos professores escreverem cartas aos alunos, sabia que seria um corte transversal no tempo, em suas limitações, pois “trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não e dizer o não dito, mas de captar, ao contrário, o já dito”<sup>192</sup>. Aquilo que alunos e professores disseram são como flechas no seu pensamento, são como pérolas sendo fabricadas, são, enfim, labaredas que se espalham pela tese-experimentação.

Ao passo que se deseja um aluno que cuide de si no sentido de reger com autonomia a orquestra da própria vida, resistindo a processos de alienação; também se incorre na perspectiva de que

---

190 FOUCAULT, (2014, p. 150). *A Escrita de Si* [1983]. In: *Ditos e Escritos V*.

191 FOUCAULT, (2014, p. 150). *A Escrita de Si* [1983]. In: *Ditos e Escritos V*.

192 FOUCAULT, (2014, p. 145). *A Escrita de Si* [1983]. In: *Ditos e Escritos V*.

esse mesmo aluno aprenda as artes de viver. Para que o outro cuide de si, dar o testemunho pode ser um valioso antídoto contra o adoecimento das relações institucionais e dos agentes educacionais consigo mesmos. Nesse sentido, fazer escrever é promover um lugar de fala, uma oportunidade à criação do novo, um espaço para o cuidado de si. Escrever se torna um ato ético e político. A escrita de si, nessa perspectiva, se ligaria ao devir, à experiência de vir a ser, de estar, transitoriamente, no mundo e com o mundo; mundo das ideias, dos afetos, do ensino e da aprendizagem. É possível se constituir no próprio ato de escrever, uma subjetivação consoante ao ato de falar de si mesmo, sendo transformada em práticas de si. É um tipo de meditar a ação.



As meditações implicam uma ação, pois reivindicam o pensamento sobre determinadas áreas da vida. Elas podem ser exercidas por meio de caminhadas, pelas escritas de si, e mesmo por atitudes e posturas frente à morte, à vida, ao conhecimento. “O conhecimento é um exercício meditativo que ao mesmo tempo influencia e é influenciado pelas técnicas dietéticas, econômicas e eróticas”<sup>193</sup>. É poder dizer que meditar sobre modos mais livres de ser na universidade poderiam caminhar pela coemergência de fatores psicossociais, educacionais, econômicos, políticos e culturais que a envolvem. Desse modo, “a meditação estoica, de acordo com Foucault, não consiste em uma concentração abstrata e transcendental em torno da alma e do mundo, mas se volta à maneira pela qual a alma se articula ao corpo, aos bens e ao amor”<sup>194</sup>. Compreender que

---

193 STEPHAN, (2020, p. 191). O si mesmo, os outros e o mundo: o diálogo interrompido entre Michel Foucault e Pierre Hadot.

194 STEPHAN, (2020, p. 191). O si mesmo, os outros e o mundo: o diálogo interrompido entre Michel Foucault e Pierre Hadot.

em certa medida a vulnerabilidade estudantil possa abrir frestas para a força que há em viver o presente da melhor forma, faz da meditação dos males futuros (*Praemeditatio malorum*), um certo convite às subjetivações presas no futuro, olhar para seus medos como oportunidade de estarem preparadas para os eventos adversos ou mesmo trágicos da vida, que tanto se ligam à aceitação dos acontecimentos (*amor fati*), bem como culminam na meditação sobre a morte (*Meléte thanáton*), em que é preciso estar na melhor posição possível a cada instante, pois não se sabe quando a morte alcançará sua existência. Assim, tem-se em vista estar preparado para o enfrentamento daquela situação que, por ventura, seja indesejada ou infortúnio, e, na pior das hipóteses, a própria morte. Com efeito, a forma privilegiada da meditação a respeito da morte nos estoicos é o exercício que consiste em considerar que se morre um pouco a cada minuto, e, assim, a vida é comparada a um dia, pois “toda a vida não passa de um longo período de um dia, incluindo a manhã que é a infância, o meio-dia que é a maturidade e a noite que é a velhice; do mesmo modo que um ano é como um período de um dia, incluindo a manhã da primavera e a noite do inverno”<sup>195</sup>. Meditar é respirar.

---

195 FOUCAULT, (2010, p. 430). A Hermenêutica do Sujeito.

## Carta à Respiração

Veja bem, não quero lhe ensinar como deva fazer seu ofício. Quero expressar sua magnitude por vezes esquecida. Para aprender, é preciso também desaprender. Soltar o ar preso e aspirar o frescor da novidade. Pode até ser que o velho vista-se de novo. E, depois, saia contando histórias sobre a outra ordem atual. Mas prestar atenção, é sair do automatismo. O primeiro ato ao nascer é o respirar. Um respiro misturado com choro é bem verdade. Ao longo da vida isso se faz e se desfaz continuamente. Nascemos de novo então?

É possível reaprender a respirar...No domínio das paixões, respirar é um bom álibi. Testemunha o minuto exato de estar vivo. Não uma vida aspirada por esperanças opacas e vícios de língua. Age como se estivesse num lugar novo e olha com o olho de dentro. Abre espaço no peito e expande algo que se oprimiu com o tempo. Não há um só modo de deixar o ar entrar e sair. Respiração - encurta os pensamentos e age com a ansiedade dos tempos; Respiro-pluma, não é feito de leveza, sua baixa densidade justamente diminui batimentos, entristece a alma e se põe numa estado de morte; Se pra nascer de novo algo morre, não é dessa morte que se trata o respiro-ave, o qual sente o frio na barriga, pega impulso e voa; Há ainda o respiro d'água. Um mergulho profundo naquilo que se deseja assumir como afeto e atitude, não por vontade, mas pela arte do encontro, de tal modo que para não se afogar, vez em quando, nada até a superfície para respirar ... o ar novinho que entra é como se percorresse um céu estrelado na cabeça; O que mais [me] agrada no momento, é o respiro-TAO, ele se deixa levar pelo desenvolvimento de um passo e depois outro,

em ritmos alternados... e depois de uma longa caminhada de ar puro, um cansaço bom, um pensar, um escrever, um respirar ...O respiro-diagfragma, o mais conhecido nas meditações, aquele puxado da barriga, empurrado até o peito que depois de estudado vai esvaziando. Dizem os yogues que ele utiliza toda capacidade dos pulmões e proporciona alívio de tensões.

A artesanaria da respiração requer superar aquela respiração que se cansa, ora por sacudir o corpo, ora pelo peso dos deveres. Aquela que se obstrui nos vales da culpa. Aquela que não consegue ir até o fundo por preocupações.

Limpar os pulmões das mágoas é tarefa para a conexão com teu si mesmo no momento presente, sem julgar. A respiração que perde seu curso natural, porque o corpo que vibra da dor que sentia, passou à anestesiá-la. Saturava-se de excessos e deixava o vigor com que manifestava os sentidos. Os estóicos alertavam a não termos suspiros na alma. Ainda que pouco a pouco, o ar ofegante possa ir se transformando em outra possibilidade para si. Pneuma em grego significa um sopro animador, uma força criadora. Daí que respirar não é só vital, mas atribui o fluxo das emoções e encharca de alma o pulso dos alvéolos. O sopro de Clarice diz para deixar fruir as palavras que sussurram ao ouvido a vida que há do lado de dentro, sem apelos de tantos eus. As hesitações e sufocos conferem à alma gesto de libertação do ar aprisionado. As levitações em sufixo, deleitam sobre o corpo há muito abandonado. Inanição de ar. Condiciona o homem. Naturaliza o curto circuito. Peguemos o ar de jeito e o coloquemos no peito. Andar de vagar a catar vento. Brisa de alento, um respiro de amar.

*Cartografias*



**5 o cuidado  
de si com.  
VIDA, a Saúde  
Inventiva para  
caminhar... em  
liberdade**



**C**omo criar mais saúde na universidade? Nas relações que cada um tem, com o outro e com o mundo, as matizes de suas subjetividades podem colorir a arte do encontro capaz de fazer uma dobra sobre si, acolhendo suas contingências? No olhar de Foucault, a felicidade estoíca seria um estado de satisfação consigo mesmo, numa experiência em que se pode exercitar uma certa crítica e certo domínio sobre si em que o corpo e a alma em relação, experimentam um momento de autarquia, algo que Spinoza também fomenta em sua filosofia prática a qual, pelo conhecimento das causas do que produz alegria, é possível alcançar uma liberdade. Em *Subjetividade e verdade*, Foucault<sup>196</sup> menciona que a partir das coisas que se pode fazer, pode-se transformar o que se é, referindo-se às artes de viver que afetam e modificam o próprio ser por meio da experiência. Spinoza diz que ainda que saibamos pouco sobre o corpo que somos, somos o que podemos em ato. Adentrar o mundo universitário é um ato de composição com as verdades e subjetividades que cadenciam suas linhas de força e vulnerabilidade. Nietzsche apregoa que todo ser busca um aumento de sua potência de agir, pois o que é verdadeiramente vivo é pulsante. Contudo, algumas vezes, os alunos, mergulhados em seus guetos, suas lutas, seus narcisismos, escapando de uma família que os rejeita e oprime, findam impossibilitados, por diversas formas, de despendar atenção aos seus aproveitamentos acadêmicos e frequência às aulas. Subjetivações à flor da pele, subjetivações fugitivas, subjetivações limbóticas. Elas os deixam no limbo, em que suas sensibilidades as roubam o tino de tornarem-se quem são, que as fazem fugir, mas também entrar no abismo de verem-se perdidas em meios às revoluções que estariam prestes a fazer.

---

196 FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.



Nas sendas foucaultianas podemos analisar o “sacrifício”, carregado de culpas morais ou promessas capitais que o sujeito “consume” sem posologia, mas por analogia, busca a verdade verdejante que mora ao lado, e num berço de comparações e competitividades, cai na armadilha que a sociedade vende, mas que ele compra. As práticas de si que caminham para a resistência desses modos de dominação e não têm por princípio o sacrifício, tampouco atendem ao princípio de prazer freudiano. Se os supostos benefícios psicológicos ou sociais advindos do conhecimento são problematizados no que tange a um “eu” fechado em si mesmo, é possível perceber que algumas práticas que intentam regular as pessoas, “interpelam seus “eus” com um tipo particular de subjetividade com fortes apelos, pois os indivíduos estão ‘motivados’ por ansiedades e aspirações a respeito da auto-realização, comprometidos a encontrar suas verdadeiras identidades”<sup>197</sup>. Assim, as “relações entre sujeito e verdade começam no dia em que postulamos que o sujeito, tal como ele é, é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito”<sup>198</sup>. O que é capaz de salvar alguém, não por força externa transcendente, mas por ato contínuo imanente, é o Afeto, a mais potente forma de conhecimento, o qual quando exercido pelo cordão do desejo, é capaz de uma alegria, de um riso, que é pura resistência ao que oprime e enrijece o corpo. Sêneca na carta 78 à Lucílio diz que “há três elementos sérios em cada doença: medo da morte, dor corporal e interrupção dos prazeres”<sup>199</sup>. Enquanto alguns

---

197 ROSE, (2001, p. 118). Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.

198 FOUCAULT, (2010, p. 10). A Hermenêutica do Sujeito. [O autor menciona o cuidado de si em proveito do conhecimento de si sob certos desígnios morais do Iluminismo.]

199 SÊNECA, (2021, p. 110). Cartas de um Estoico. Volume II.

estudantes *abraçam causas variadas sem a menor noção, não questionam, não o fazem sobre si mesmo; tudo muito artificial, tão passageiro como um esmalte de unha* (Discente Mutante), o filósofo diz que devemos aprender a viver enquanto vivermos. Ainda que a transitoriedade seja condição inerente da vida, há alunos que parecem querer convicções duradouras, ou que pelo menos fossem coerentes em seu potencial de fixação. A ficção de quem somos caminha por aquilo que podemos em vontade de agir. Carne, sangue, fluxos, espírito. Há uma rede de relações atualizáveis. Uma experiência compartilhada que subverte a reprodução exata, mas transpõe o desenho afetivo daquele instante. E quem entregaria o canudo na cerimônia das suas “formaturas”, seria o Afeto que aciona o ato de pensar. Como menciona Contardo Caligares: “eu preferiria não sofrer, claro, se possível, não apenas não sofrer (é meio ridículo isso), mas estar vivo quando morrer”<sup>200</sup>. É preciso que a música da saúde dê cadência aos acordes afetivos. Para Nietzsche em sua teoria sobre a decadência (decadence), a decomposição não é condenável, pois ela pode ser uma “consequência necessária da vida, do aumento vital”<sup>201</sup>. Uma disposição ativa diante de uma afecção perturbadora; como um exercício obreiro sobre um *páthos* [do grego designa tanto paixão quanto doença] ou sobre um *affectus* [do latim, afetos], - do si mesmo. Uma racionalidade que em Spinoza podemos ver que se coaduna aos afetos (e suas “razões”) e que em Nietzsche permite o trabalho do próprio pensamento. Eis que é preciso cuidar de si para cuidar de alguém. É o que a Docência-leão menciona, referindo-se a cursos na áreas da saúde, quando diz: *o sofrimento impacta, pois o aluno chega no hospital para cuidar de um doente e às vezes quem precisa de cuidado é ele.*

Lis’Arara repete “O devir é uma clareza que se experimenta,

200 CALIGARES, (2023, p. 34).

201 NIETZSCHE, (2017, P. 197). Vontade de Potência.

uma lucidez que se conquista”<sup>202</sup>. Devir, palavra que parece falar de algo abstrato, longínquo e irreal. Não se trata de um vir a ser utilitarista do termo, em que pese as imagens dogmáticas de um pensamento. Não se refere, ainda, a um porvir de performance e falso *self*. Fugimos do que nos afeta, do que nos toca a pele e tem a força de nos transformar? Não se trata de uma identidade demarcada, rotulada. Mas sim da abertura para o que amplia a vida. Multidões e linhas de força que desenham intensidades no sentir, no pensar, no aprender e apreender, suspiro em nós, daquilo que pulsa no tempo presente, ainda que carregue rastros de um ontem. A aliança que é um devir no fluxo dos acontecimentos inscreve no corpo modos outros de expressão. Suportar o vazio. Afirmar o inacabamento. Não esquecer de si no meio do caminho. Ultrapassar a linha do possível e na própria dessubjetivação encontrar brechas para a arte da e na existência como condição de travessia. Bordar na delicadeza dos encontros, afetos, que esbocem modos diferentes de agir no mundo: instável, mutável, fragmentável, errante. Um corpo que descontrói re-presentações, liberta-se da clausura do julgamento do outro. Habitar um corpo que ganha contornos provisórios e atualiza lembranças, inventar memórias afinal. O devir é sempre um entre, uma relação e relação é o que poderíamos buscar na educação. É possível perceber todo tipo de devir bailando no salão do Castelo. O devir-louco – entra na sala de aula e rompe os hábitos e as obediências. Não se trata de estar certo ou errado, mas de entrar em fluxo contínuo de intensidade nos corações que só querem vencer mais um dia; O devir-criança nas ruas do aprendizado, é peregrino por natureza. Então movimento é seu estado mais autêntico. Há um devir-louco e um devir-artista na criança; O devir-aranha – não há

---

202 SCHIAVON, João Perci. Pragmatismo Pulsional: Clínica Psicanalítica. São Paulo: n-1 edições, 2019, p. 256.

quem medite diante da aranha, não há quem não se encante por sua teia. Há um devir-costureira na artista aranha. Capaz de traçar linhas em lugares inusitados.

Eis que a educação, tramando suas redes com a saúde, pode dialogar com estudantes e docentes e lhes dizer: Ondem querem aula, sou vazio de construção, onde querem a terapêutica, sou rede imensidão. E a música dá o tom: “onde não [querem] nada, nada falta; e onde [voam bem altos], sou o chão; e onde [pisam] o chão, minha alma salta; e ganha liberdade na amplidão”<sup>203</sup>.

Devir-abelha que coleta as coisas que lê do mundo e produz com elas linhas de escritas pela arte do mel. Devir-pérola, em que uma pérola é produzida dentro de uma “ostra-bolha-castelo” à medida em que o estudante como parte dessa bolha reage à fricção de matéria estranha das obrigações, preconceitos, sufocamentos, - tal como um grão de areia. Alunos são capazes de entrar em devir-pérola quando por encontro e por arrombo constituem a si mesmos na vida da universidade. Um raro momento, mas que dá o gostinho, de vez ou outra, poder voar. Devir-andarilha que salta no incorporal vazio pelo devir-pássaro nas Cartografias.

---

203 Música “O quereres”, de Caetano Veloso (1984).

**VOAR**

Sonhei que voava  
 Em devir-pássaro sentia o ar do alto  
 Escutava um silêncio de ouro por lá  
 Era bom sentir o cheiro do entendimento  
 Que alimentava meu espírito voador  
 Foram voos imemoriais que agora  
 regressam no meu corpo  
 Como se um pranto musical se transformasse  
 Num ponto modal do tempo  
 Suspensão no ar  
 Até que pude pousar nos fios da  
 consciência  
 À elétrica mania de prudência  
 Misturada com a loucura que enche  
 o peito de mais ar  
 Uma loucura que me oculta  
 O escarrado sonho de voar  
 Numa primavera dentro de meu ve-  
 rão febril  
 Queimor que balbucia labaredas de  
 mudança  
 Na dança dos pensamentos

Depois do delírio alvoroçado de voar  
 Há uma paisagem de revoada estron-  
 dosa da vida íntima  
 O limite entre o céu e a terra  
 É o oco do tempo, é o vazio cheio de  
 sentimento  
 Lá as águas estão animadas, os ven-  
 tos são verdejantes  
 Há um bando que habita aquele lu-  
 gar, são seres mutantes

Meu olho holografa esse dentro-pás-  
 saro que coexiste a um fora  
 Ou só consigo vê-lo porque a mim  
 está impregnado?  
 Escuto os pássaros e sinto seus an-  
 seios, seus pousos e decolagens  
 Voar envolve mistério, desenvolve-se

em delicada película  
 Há de se sentir o vento  
 Ainda que se caminhe no fluxo de  
 sua direção  
 Sobretudo no voo contra-fluxo de  
 alguma convenção  
 Invariavelmente, há de sentir o vento

Somos os maiores algozes de nós  
 mesmos  
 Nossas asas, ainda que adestradas  
 Contêm a força dos sonhos  
 Daqueles que se realizam com o voo

Voar não quer dizer ser livre  
 Mas sentir o gosto da liberdade em  
 sua grandeza de experimentação

Se há voos que nos fazem cair  
 Há quedas que nos fazem voar  
 “Olhar pro céu, buscar clareza  
 Pisar no chão, botar firmeza”<sup>\*</sup>  
 Aterramos nossos desejos que não  
 cabem no peito  
 Tampouco esperam num leito

Se o mais potente afeto nos dá asas  
 Poderemos então voar?  
 O medo em nosso coração  
 Transforma a indecisão em luta  
 A travessia se torna alimento

*Cartografias*

\* Música “ser quem sou” do álbum  
 “Movimento” (2020) dos Pedros (Alté-  
 rio e Viáfroa), o qual, por meio de suas  
 cinco músicas fizeram a pesquisadora  
 caminhar, vibrar, pensar e voar constan-  
 temente.





Chega, enfim, o dia em que os excluídos do Castelo dos Saberes ganham liberdade. O corpo. A Loucura. Os Sonhos. Os alunos manifestam o desejo pela liberdade, de mais tempo, de maior flexibilidade, de ter uma vida para além das aulas, mas ao mesmo tempo parecem clamar por uma universidade que resolva seus problemas emocionais e financeiros, em que uma coisa é o curso biológico da vida, outra, é o “cuidado de si”, o qual se dobra e constitui um novo plano, ético e estético<sup>204</sup>. Não é totalizante, mas é íntegro, - esse saber da pulsão que antes de atuar como uma falta, atua como oxigênio, pois deixa em aberto outros modos possíveis, alcançando assim, uma diferença.

Lis’Anda chega a in.conclusão que liberdade é uma atitude ética frente a vida, com goles dionisíacos de entrega e doses apolíneas de arrazoamento. A vertigem de liberdade é a arte dos encontros possíveis, de transformações compartilhadas, sem deixar de olhar para as oportunidades e os perigos ao mesmo tempo. Viver é arriscado. Arriscamo-nos? Escuta ao longe o Peregrino: “Refletiu sobre os muitos perigos que havia vencido e ponderou que o risco de voltar poderia ser maior que o de continuar”<sup>205</sup>. Lis’Agora quer convidar outros andarilhos para fazer de um novo coletivo (por meio de blogs, redes sociais, vídeos e podcasts), chamar-se-á, talvez, nossas im.Permanências de cada dia na universidade - para conter informações de acesso à universidade em ícones fixados e catálogo de temáticas para estudantes de diferentes cursos compartilharem seus escritos: sobre nutrição/educação física/ psicologia / química

---

204 SCHIAVON, João Perci. Pragmatismo Pulsional: Clínica Psicanalítica. São Paulo: n-1 edições, 2019, p. 208.

205 BUNYAN, John. O Peregrino. São Paulo: Jardim dos livros, 2019, p. 96.

/ biologia/ medicina, etc... , pelos quais professores também poderão se engajar. Ações como: Você sabia quê? (informações importantes); Olha aqui o a gente está estudando? (Grupos de leitura e estudos); Metal Saúde (assuntos da saúde em geral/ composição com a música); Grupos Terapêuticos temáticos; Sexualidades; Vivências acadêmicas; Decolonizar a vida na ufpel, etc.

Importa salientar que se trata de algo a ser desenvolvido como atitude ética perante a vida e não como uma protocolar função institucional. Nesse sentido, Lis'Anda sonhando com uma matéria. Matéria da vida a ser compartilhada em saberes recíprocos de trocas, e sem obrigação. Artes, educação física, nutrição, enfermagem, psicologia, medicina, arquitetura, filosofia, ciências sociais, etc., em conjunto, comporiam uma disciplina optativa da universidade, ofertada a cada semestre (ou uma vez por ano), para alunos de diferentes cursos, a qual poderia ser chamada “Artes de Viver”, aberta para construção. Assim como a disciplina de “Diversidade, gênero e sexualidade” ministrada pela professora Eliane Pardo na UFPel, a qual a pesquisadora testemunha seu positivo impacto na vida dos alunos participar da mesma. É possível perceber o interesse e a necessidade de um espaço de trocas e aprendizados sobre assuntos que não estão nas apostilas e tampouco trata-se em um setting terapêutico. Cuidado de si. Caminhar como prática de si. 7ª arte. Grafias. Música, etc. Um Espaço criAR-TE. E assim, apesar de tudo, olhar para o que se transcria em saúde e educação, numa Clínica *Möebius*.

**6 enclaves  
de um tempo  
infundo de  
cartografias**



**A**s cartografias chamam um livre continuar. Os mapas continuarão a se formar e a se deformar com o passar dos anos. Os danos dos limites desta pesquisa, seus sobrevoos são germinais ações. Poderiam ter sido mais encontros com alunos e professores, o Inventário e os escritos capturaram uma ínfima amostra da vida, um viés no direcionamento para algum tipo determinado ou determinante de saúde. O alento, pensa a pesquisadora, para tudo aquilo que não aconteceu, como por exemplo, ter investigado alunos formandos bolsistas e não bolsistas tramando possíveis conexões com as suas condições; ter investigado alunos que evadiram a universidade para saber de suas vidas e de seus caminhos; traçar uma maior articulação entre diferentes cursos, como por exemplo, áreas exatas versus áreas humanas; investigar os espaços que já existem na universidade para os encontros que deseja... Talvez, tornar a ampliação da Dissertação a qual se propôs, numa pesquisa também de natureza “quanti-quali”, com “amostras” robustas, pudesse dar a ver algum ponto cego, algum julgamento ou interpretação dos dados que a pesquisadora possa, nesta tese, ter realizado. Não se trata de um lamento, trata-se antes, de um gesto acolhedor para consigo daquilo que seu corpo foi capaz de caminhar e que habitar o território educacional, a faz aberta aos encontros por vir.



Na caminhada cartográfica, algo parecia paradoxal. Ao passo que se deseja *um* aluno que cuide de si no sentido de reger com autonomia a orquestra da própria vida, *um* aluno que se conecte com a travessia de seus afetos, que invente a sua própria saúde e resista a processos de alienação e limitações impostas por contingências socioeconômicas; a pesquisa caminha na perspectiva de que esse mesmo aluno, também aprenda as artes de viver por meio de

uma relação com um outro, aprenda que não está sozinho. Lis'Anda entende que não há como interpretar o conflito de um aluno que não sabe se vai ter o que comer, ou que passará frio no meio da noite, e no dia seguinte sofre violências pelo tom da sua pele ou sua sexualidade. Trata-se de pensar a vida na universidade e seus diferentes contextos, e a partir daí, considerar uma psicanálise do sensível. Com o desejo nos pés e a alegria nas mãos, Lis'Andarilha por meio de alguns trajetos deixados pelos estudantes e professores e, ao traçar uma tese-experimentação pela travessia dos afetos que aumentam e diminuem a potência de agir em ritornos, percebe que as cartografias da vida na universidade a convoca pelas frestas daquilo que o cuidado de si é capaz.



Ao percorrer trajetos [no livro 1] que buscam acionar uma ética para pensar a saúde inventiva, numa perspectiva nietzschiana, Lis'Anda perfaz trajetos outros no campo de singularidade e de multiplicidade, não se fixando em diagnósticos de doenças. Percorre alguns estudos sobre a saúde mental do universitário, em que, ao delinear sintomas de ansiedade e depressão, os quais favorecem a exclusão dos seus corpos que, ao naufragarem num novo ambiente educacional, veem-se desamparados e invisíveis naquilo que sentem. Contudo, não basta infringir maneiras de adaptação para que o estudante, passivamente, obedeça às normas institucionais. É preciso que ele, sinta-se partícipe de seu processo de formação, ativamente. Isso não quer dizer que, sozinho, é responsável pelos caminhos trilhados, pois, diante dos solavancos do neoliberalismo e das mazelas socioeconômicas, a vida acadêmica exige a invenção de si em caleidoscópicas subjetivações. Fractais subjetivações colorantes. A igualdade pede passagem ao singular. Abre frestas para as diferen-

ças entrarem. Nas misturas uma síntese da vida em multiplicidade. A verdade vos libertará? É preciso murchar para renascer. A cada estação de(s) construir o presente. São brotoejas que transpiram o sangue da prevenção que cultivamos. A boca floresce o que transborda o coração. O que escapa? Depurando o espírito coletivo e preservando os estados de solidão. Ficar também é decisão. Então, enquanto a moral incide um julgamento que leva à morte [dos sonhos, do corpo, da loucura]; a ética insiste um ato que deixa a vida mais forte [os encontros]. Há premissa de que o excesso esconde uma falta. Quando pensamos outras perspectivas há algo que salta. Exceder a si mesmo é deixar o novo transbordar. É dar passagem. Uma vida em seu potencial de criação de si. Na prudência de que há mais corpo na alma.

Lis'alma percorre [no livro 2] os modos como os afetos caminham por entre os encontros com os alunos e com os professores da universidade, por entre suas falas, escritos e silêncios -, para fabular docências e, inventar estudantes que compõem suas relações para além da sala de aula, mas também, transformando a sala de aula em um aprendizado afetivo. As repetições [tempo; acolhimento; flexibilidade; conhecimento], traçam afetos, que de tanto hábito, de tanta memória, abrem espaço para o eterno retorno imprimir suas diferenças, em metamorfose. Adota a concepção spinozista, de que somos corpos em composição com a natureza numa íntima conexão que se exprime pelo seu grau de potência de seus atributos pensamento e extensão, torna-se aparente no corredor espalhado. Neste, agentes em educação podem se desfazer dos rostos presos às identidades, e criarem espaço para deixar o olhar, a voz, o corpo existirem, sem julgamentos. Para continuarmos caminhando e abriremos os olhos para o potencial transformador das diversidades. Para continuarmos caminhando e traçarmos novos caminhos que tor-

nem a travessia mais forte na medida em que encontramos brechas ao que as engrenagens das máquinas capitais gangrenam as possibilidades de um pensamento mais livre. Que alegria dar uma magnífica aula em que o re-conhecimento é inevitável. Um encontro alquímico de almas onde todos que estão com seus poros abertos encontram o mais profundo pensamento na superfície de cada novo amanhecer. Um encontro onde as ressonâncias das vozes alcançam os afetos que produzem uma centelha de mais vida caminhar... Que alegria encontrar no curso da futura profissão uma afinação com o próprio corpo, uma realização mais potente que as chuvas que alagam até às canelas no caminho aos campus.

Ao caminhar pela Möbius de uma clínica na ambiência educacional, Lis'aliança [no livro 3], encontra em um tal lugar heterotópico, nômade, errante, de um cuidado de si que caminhe por dentro e por fora do Castelo. Em meio a caminhadas, escrituras, encontros, arte e práticas sugere um espaço sempre outro de encontros-escritas-parresía-música naqueles que fazem proliferar uma educação como afirmação da vida. Um vida é esculpida em imagens que estão além do ser, ao mesmo tempo que estão na carne viva da experiência, estão no que há de estrangeiro, compondo nos intermezzos possíveis relações com imagens viscerais, olfativas, gustativas, auditivas, mentais, táteis, mas elas não são determinadas em si. Para além de um ponto de vista, um ponto vivo do viver. E não é apenas pelos órgãos dos sentidos, mas pelo meio onde habitam outros corpos, possibilidades e encontros. Devir.

Em devir, Lis'Alegria resgata a Loucura presa em manuais de sobrevivência acadêmica, para que, alunos e professores, estabeleçam uma relação mais sã consigo e com o outro nas ruas da Educação. Uma Educação que deite no divã *flâneur* de uma clínica que componha filosofia, psicanálise e arte, no plano comum de um co-

letivo de forças, por meio de grupos, aulas, encontros, caminhadas. Articula o cuidado de si foucaultiano como prática de liberdade, que possa ensejar uma estética da existência, não pela bela forma dos corpos na ambiência educacional, mas fazer da vida uma prática ética no belo que o pensamento é capaz de esculpir, uma tentativa de fazer da saúde uma construção pelos modos de pensar, sentir, agir com o si mesmo, com o outro e com o mundo. Se para cuidar de si é preciso lapidar um conhecimento; se o conhecimento é o afeto mais forte; se o mais alto conhecimento é a beatitude e a beatitude é a forma mais profunda de amor e satisfação com a Natureza que aciona a intuição; se a intuição lapida a saúde inventiva afirmando o Desejo, se o Desejo encontra e produz o mais autêntico do si mesmo, caminha-se, então, por uma liberdade de existir, re-existir, tornar-se quem se é, na metamorfose dos tempos da vida na universidade. A experiência clínica mostra que o jovem chega a pedir ajuda quando houve alguma fissura no ambiente educacional, quando algo já transbordou sua existência, em que sua angústia teria passado pelo corredor espelhado, quebrando seu semblante universitário e as repetições que insistem, por vezes elas não abrem a inclusão de uma diferença que lhe abra para o encontro com o novo. É possível percebermos que o processo formativo caminha junto com o processo das subjetivações e, convida, o cuidado de si para ser aprendido, pois os conteúdos perpassam também algo que da vida possa ser cuidado. Não é a sedução de um ideal de normalização, mas encontrar instrumentos para enfrentar os impasses. Enquanto a “farta” saúde acalma-se na imobilidade, a “falta” de saúde é ativada por sua fragilidade para caminhos de criação. O segredo está em deixar o medo ir em direção a coragem de expressar a necessidade imanente da vida. Pelos trajetos, caminhar; pelos afetos, pensar; pelo devir, saúde inventar.

## referências

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

ANDIFES; FONAPRACE. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**. Uberlândia, 2018.

AQUINO, Júlio Roberto Groppa; RIBEIRO, Cintya Regina. O cuidado de si na pesquisa educacional brasileira: uma noção-problema. Ver. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 36, n. 78, p. 1553-1601, set./dez. 2022.

BENOIT, Blaise. Nietzsche e a crítica da metafísica do sujeito: por um “si corporal”? In: **As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche**. MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; oliva, Luís César [orgs]. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2011 p. 445-467.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BRANDÃO, Zaia. A dialética micro/macro na sociologia da educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, julho 2001, pp. 153-165.

BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CALIGARES, Contardo. **O sentido da vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CÉSAR, Janaína Mariano; SILVA, Fábio Hebert da, BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v.2. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 153-174.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

COCCIA, Emanuele. **A Vida Sensível**. Desterro, Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Capitalismo e esquizofrenia** (com Félix Guatta-

ri) [1972]. In: **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006. p.295-305.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema de expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles. **O Ato de Criação**. deleuze, Palestra de 1987 Edição brasileira: Folha de São Paulo, 27/06/1999.

DELEUZE, Gilles. O lamento e o corpo. In: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas**. São Paulo: ed 34, 2016, p.172-173.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles. Três problemas de grupo [1972]. p. 257. In: **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006. p.249-260.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L' Abécédaire de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze**. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Potências da Suavidade**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. p. 7-76. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org). **Nunca fomos humanos**: nos rastros dos sujeitos. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si [1983]. In: MOTTA, Manoel de Barros (org). **Ditos e Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 141-157.

FOUCAULT, Michel. A loucura só existe em uma sociedade [1961]. In: MOTTA, Manoel de Barros (org). **Ditos e escritos I**: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria, psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. Entrevista em Berkeley [1983]. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade clássica**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. 2**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. 3**: Cuidado de si. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade [1977]. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade [1977]. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 363-406.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALLO, Silvio. Do cuidado de si como resistência à biopolítica. In: BRANCO, G. C.; VEIGA-NETO, A. (Orgs). **Foucault: filosofia & política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

GRÓS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: UBU Editora, 2021.

GRÓS, Frédéric. O Cuidado de si em Michel Foucault, 2008. In: RAGO, Margareth; VEIGA\_NETO, Alfredo (orgs). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.127-138.

GUATTARI, Félix. **Os anos de inverno 1980-1985**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. ed. 12 Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HÜNING, Simone Maria; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Efeito Foucault: desacomodar a psicologia. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; HÜNING, Simone Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal [et al.]; **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2014.

JAQUET, Chantal. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza. In: **As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche**. MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; oliva, Liuis César [orgs]. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 349-366.

JUNIOR; RACHKORSKY; RONZONI; DOGRA; DALGALAR-RONDO, (2016). Experiências percebidas de discriminação e saúde mental: resultados em estudantes universitários brasileiros. **Serv. Soc. & Saúde**, Campinas, SP, v. 15, n. 2(22), p. 273-298, jul./dez.

2016.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum.** v. 2 Porto Alegre: Sulina, 2014.

KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LABATUT, Bejamin. **A pedra da loucura.** São Paulo: Todavia, 2022.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas.** São Paulo: n-1 edições, 2017.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor.** Belo Horizonte: Authêntica, 2019.

LEVY, Tatiana. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** [Edição com manuscritos e ensaios inéditos]. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem.** [Edição com manuscritos e ensaios inéditos]. Rio de Janeiro: Rocco, 2022.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida.** Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MARTINS, André. (org). **O mais potente dos afetos: Spinoza & Nietzsche.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; OLIVA, Luís César [orgs]. **As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

NARDI, Henrique Caetano; SILVA, Rosane Neves da. Ética e Subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; HÜNING, Simone Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal [et al.]; **Foucault e a Psicologia**

**gia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

NASCIMENTO, Carmem de Fátima Mattos; ANTUNEZ, José Leonel de Luz. **Assistência Estudantil na UFPel**. Pelotas: Editora Universitária, 2012.

NASSAR, Raduan. **Obra Completa**. São Paulo: Companhia de Letras, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Vontade de Potência**. Petrópolis, RJ: Vozes (Vozes de Bolso), 2017.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Edipro, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falava Zaratustra**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculo dos Ídolos: ou Como filosofar com o martelo**. São Paulo: Edipro, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

OLIVEIRA, Marcos da Rocha. Para dar uma aula escritural. In: CORAZZA, Sandra Mara. **Aula Cheia: caderno de notas 3**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

OURY, Jean. **O Coletivo**. São Paulo: Hucitec, 2009.

PAGNI, Pedro Angelo. Formação humana e cuidado de si: um encontro explosivo ou a possibilidade de pensar de outro modo a racionalidade e a ética na educação? **REP - Revista Espaço Pedagógico**, v. 18, n. 2, Passo Fundo, jul./dez. 2011.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do Assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: percurso em prosa: volume 1: O poeta para além de sua poesia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

PLASTINO, Carlos Alberto. O quinto rombo: a psicanálise. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). **Conhecimento Prudente**

- para uma vida decente.** São Paulo: Cortez, 2006. p.429-456.
- PROUST, Marcel. No Caminho de Swann. In: **Em busca do tempo perdido**, volume 1. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.
- RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- RILKE, Maria Rainer. **Cartas a um jovem poeta.** São Paulo: Globo, 2013.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ROSE, Nicolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.137-205.
- ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020;
- SAFRA, Gilberto. **Po-ética da clínica contemporânea.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.
- SÊNECA. **Cartas de um estoico.** Volume I. São Paulo/SP: Montecristo, 2017.
- SÊNECA. **Cartas de um estoico.** Volume II. São Paulo/SP: Montecristo, 2021.
- SÊNECA. **Cartas de um estoico.** Volume III. São Paulo/SP: Montecristo, 2021.
- SÊNECA. **Da tranquilidade da alma; Da vida retirada; Da felicidade.** Porto Alegre: L&P, 2019.
- SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar.** São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- SOLNIT, Rebecca. **Recordações da minha inexistência: memó-**

rias. São Paulo: Companhia das Letras, 20121.

SPINOZA, Benedictus. **ÉTICA**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

STEPHAN, Cassiana Lopes. **O si mesmo, os outros e o mundo: o diálogo interrompido entre Michel Foucault e Pierre Hadot**. Rio de Janeiro: Verita, 2020.

STUBS, Roberta. **Devires de um corpo-experiência**. Curitiba: Appris, 2019.

TAVARES, Marcelo da Silva Aarújo. In: **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Cap. IV. Conselho Federal de Psicologia. Cadernos de Psicologia. Brasília, 2013.

ULPIANO, Claudio. **Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento**. Rio de Janeiro: Funemac Livros, 2013.

ZYGOURIS, Radmila. **Psicanálise e Psicoterapia**. São Paulo: Via Lettera, 2011.

### **Músicas e Podcast:**

ALTÉRIO, Pedro; VIÁFORA, Pedro. **Ser quem sou**. Álbum Movimento, (2020). Disponível em: <https://spotify.link/59QvJmwgaEb>

BELCHIOR. **Alucinação**, 1977.

BORGES, Jorge Luis. **El rigor de la ciência**. Disponível em: <https://spotify.link/ic5gbfqgaEb>

HOLANDA, Francisco Buarque de. **O que será**. 1976.

KAFKA, Franz. **O jejuador**. Narração de Carlos Eduardo Valente (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7fY6I-Bwxg5v38kJzm4BaxB?si=DdR4L5rcQayHGUECM6rfdw>. Acesso em: 20 dez. 2022

VELOSO, Caetano Emmanuel Viana Teles. **O querer**, 1984.

Este trabalho foi diagramado por Gustavo de Oliveira Nunes, o corpo do texto foi composto em Garamond, tamanho 12, e os títulos em Century Gothic, nos tamanhos 12 (subtítulos) e 40 (títulos). A capa foi elaborada por Vanessa Basda e Gustavo de Oliveira Nunes. Os mapas e ilustrações foram criados por Gustavo de Oliveira Nunes.

Para contato de diagramação e ilustrações:  
gustavohnunes@msn.com

[https://www.instagram.com/gustavonunes\\_ilustracoes/](https://www.instagram.com/gustavonunes_ilustracoes/)